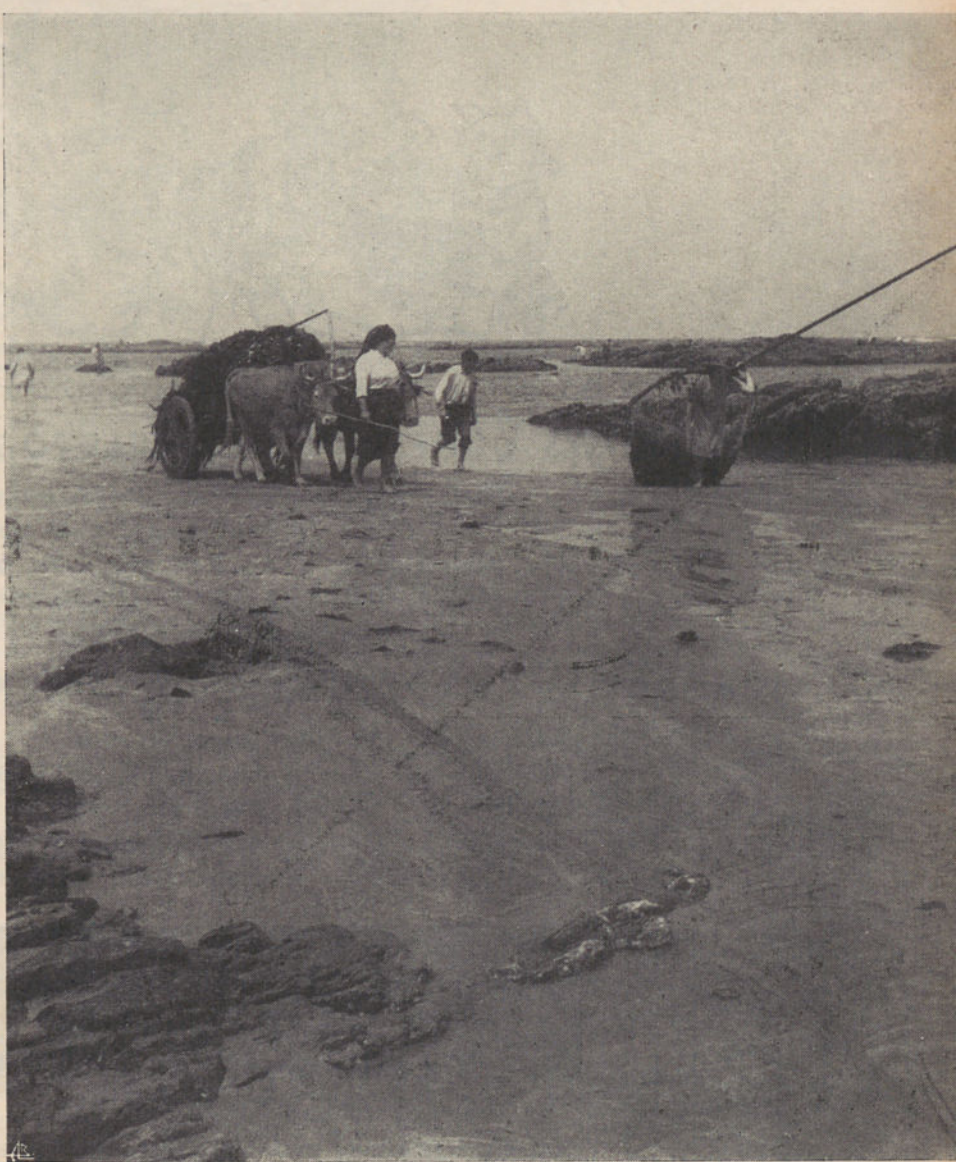


Gazeta das Aldeias

N.º 2495

16 DE MAIO DE 1963



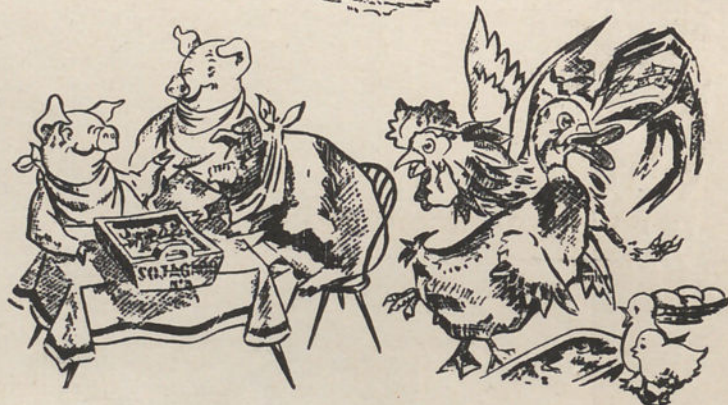
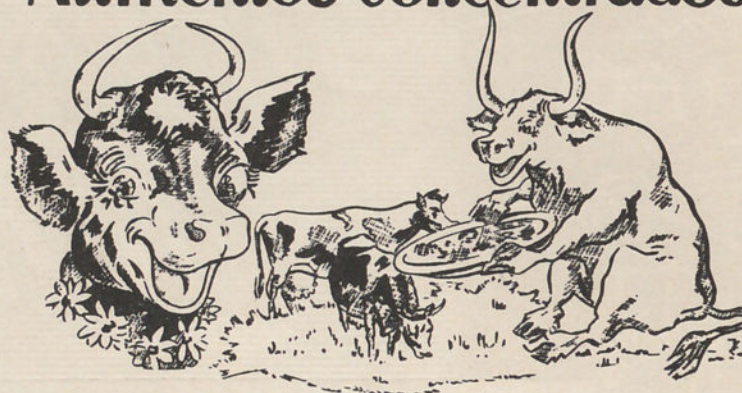
Sala

Est.

Tab.

N.º

Alimentos Concentrados



PRODUTOS COMPOSTOS COMPLETOS:

3609

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos em engorda
- SOJAGADO N.º 4 — " galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — " pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — " frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — " frangas

PRODUTOS COMPOSTOS COMPLEMENTARES:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — " bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — " aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — " éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — " porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

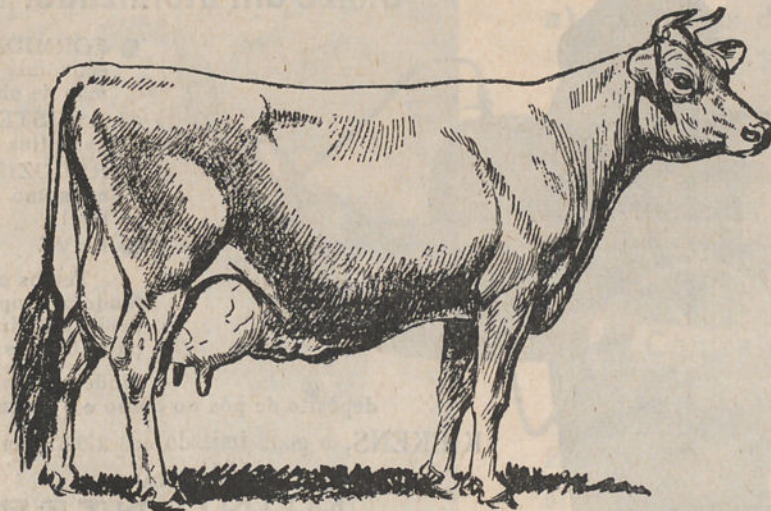
FARINHAS ALIMENTARES PARA GADO

SOJAGADO

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

FABRICAS EM OVAR—TELEF. 63 ● ESCRITÓRIOS—RUA DOS FANQUEIROS, 38-1.—LISBOA

VACA que não é ordenhada
é **VACA** que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

3211

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



* Marca Registada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



Snr. Agricultor

Para uma maior colheita de vinho,
utilize um atomizador KIEKENS

- FORMIDÁVEL economia em caldas e mão de obra
- ASSISTÊNCIA garantida
- REDUZIDO consumo de combustível
- LEVE

Temos para entrega:
Modelo simples com depósito cilíndrico no dorso, para 10 litros de calda e

Modelo combinado com depósito de pós no dorso e o de calda à frente.
KIEKENS, o mais imitado dos atomizadores de dorso

REPRESENTANTES:

MUNDINTER

Av. Ant. Augusto Aguiar, 138
LISBOA

R. Júlio Dinis, 886
PORTO

3912

PELES de coelho, raposa e de todos os animais — Curtimos, tingimos e confeccionamos

RÚSSIA NO PORTO

Raposas e casacos de peles aos melhores preços.
R. Fernandes Tomás, 561-Porto
(Alma da Capela das Almas)
Telef. 22960 2118

CHOCADÉIRAS eléctricas
"SUCESSO"

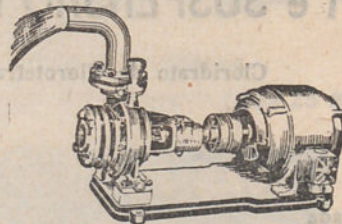
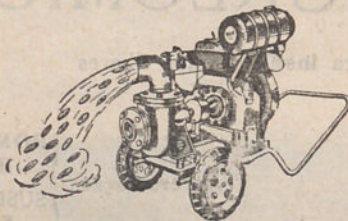
REGULAÇÃO automática da temperatura
MODELOS de 30, 60, 90 e 120 ovos
Mais eficientes — Mais práticas
Mais económicas — Mais baratas

Manuel Paiva — R. Vilarinha, 913 — PORTO

3914

ÉPOCA DE REGAS

Grande sortido de: **Moto-Bombas e Electro-Bombas**



3927

Confiam na grande experiência da

Casa Cassels

Rua Mousinho da Silveira, 191 — PORTO
Avenida 24 de Julho, 56 — LISBOA



Produtos

“SCHERING”

a) Contra as doenças das Vinhas e Batatais:

COBRE “50”
COBRE “ULTRA”
KUPFER-CURIT
CURIT
CUPROXIDUL “ULTRA”

Contra o Míldio ou Queima

ENXOFRE
MOLHÁVEL “TOP”

Contra o Oídio ou Farinha

b) Contra as pragas, incluindo o Escaravelho da Batateira DIDITAN “50” e “líquido”

Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super

Contendo 50 % de DDT

VERINDAL “50”, “ULTRA” e “líquido”

Contendo LINDANO

c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

VERINDAL “S”, ALDRINE CONCENTRADO
“DISPERSÍVEL”

d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV “50”

Contendo 50 % de 1-naphthyl-N-methylcarbamate



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

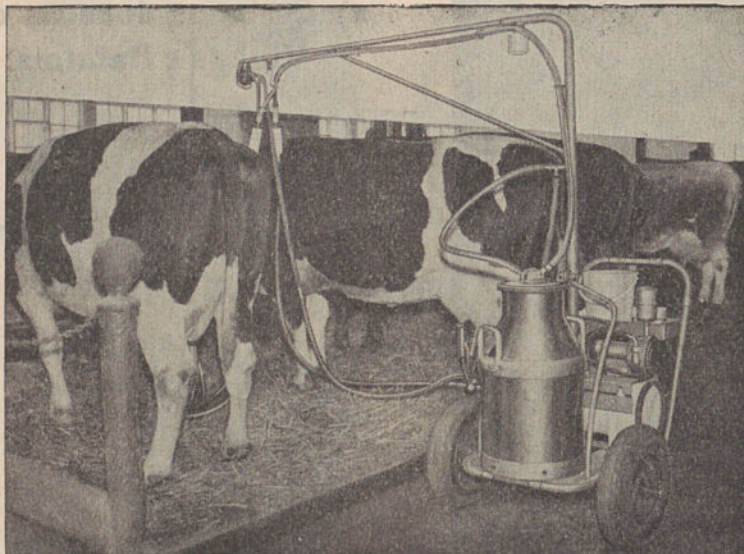
AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



INSTALAÇÕES AUTOMÁTICAS
DE ORDENHA

"ALFA-LAVAL"



- * Portáteis e fixas, para pequenas ou grandes vacarias
- * As mais modernas e eficientes
- * Funcionamento garantido
- * Leite higiénico
- * Economia de mão de obra

3887

PARA ESCLARECIMENTOS
CONSULTE OS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

**HARKER,
SUMNER & C.ª L.ª DA**
PORTO-33, R. Ceuta, 48
LISBOA-14, L. do Corpo Santo, 18

O MELHOR CAFÉ
É O DA

2854

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91
Telefones, 27146, 27147 e 27148 - PORTO

(Envia-se para toda a parte)

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para os animais domésticos

2692

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

**Vicente Ribeiro
& C.ª**

R. dos Fanqueiros, 84, 1.ª, Dt.ª

LISBOA

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas, Ervilhas de grão, Feijões de vagem, Espinafres, Melancias, Melões, Pepinos, Pimentos, Rabanetes, Repolhos, Tomates, assim como: Azevéns, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass, Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê a preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

"SEMENTEIRA" de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda

CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente



Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

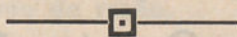
com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.^a do Infante Santo
(Baveto da Av.^a 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS



Rede de distribuição
SACOR - CIDLA

PRODUTOS AGRAN
GARANTEM COLHEITA Sã

*

COZY-S é um pó molhável, contendo 37,5% de COBRE (sob a forma de oxicleto) e 16% de ZINEBE.

É um fungicida indicado para defender as principais culturas (Vitícola, Horticola e Fruticola) contra diversas doenças entre as quais o MÍLDIO, PEPRADO, MONILIOSE, LEPRAS e CRIVADO.

8905

Civilização, L^{da}

PAPÉIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Rua José Falcão, 107

Telefone, 22819

3400

PORTO

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONSERVAM-SE MALAS
NÃO CONFUNDIR



1943

José Apolinário
31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636-PORTO

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE

868A



AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac*** é o produto que contém a Aureomicina* (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

3945

DANDO AOS PORCOS
RAÇÕES QUE CONTENHAM

AUROFAC*

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

APRESENTAÇÃO: AUROFAC 2A E AUROFAC 20

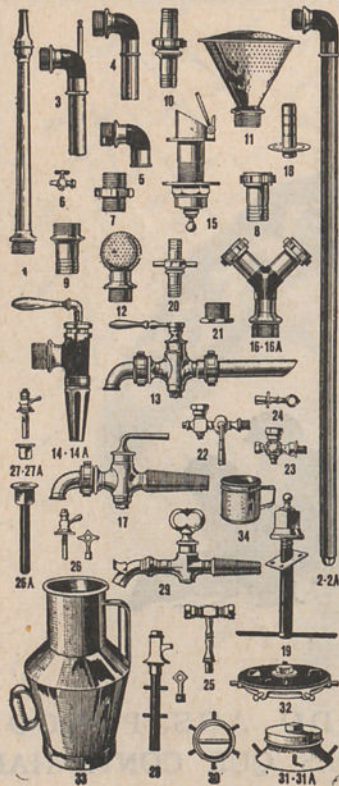
Peça ao seu fabricante, ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

* Marcas Registradas

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º—PORTO



Tanino «Dyewood» 100% solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso decolorante, absolutamente inodoro)

Galgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rolhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório

3876

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

TELE { fones: 28093-35173
gramas: GUIPEIMAR

Senhores Lavradores

A «CASA MALTA» fornece nas melhores condições:

Máquinas Agrícolas de todos os tipos

Azubos, Insecticidas e Fungicidas para todas as culturas e tratamentos, tais como: Acticupro, Ultraenxofre, Cobre Sandoz, Sulfato de Cobre inglês, Thiovit, etc., etc.

Sementes para Horta, Jardim e Pastos, incluindo bolbos recebidos directamente da Holanda, Jacintos, Narcisos, Iris, Tulipas, Ranúnculos, Anémonas, etc., etc.

No interesse de V. Ex.ª, consulte sempre

Malta & C.ª Lda.

Rua Firmeza, 519 — PORTO — Telefone, 20315

2087



DINHEIRO

Emprestamos qualquer quantia sobre propriedades

Não cobramos avaliações aos prédios

Consulte-nos

Centro Predial do Norte

R. Passos Manuel, 71 — Telef. 34995 e 35329 — Porto

8840

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

GOOD YEAR

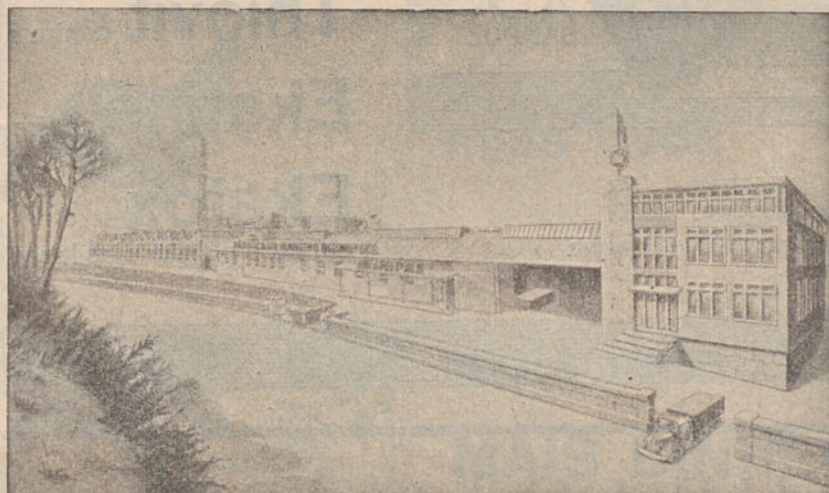
Distribuidores exclusivos: **Canelas & Figueiredo, Lda.** — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

3643

FÁBRICA DE MADEIRA AGLOMERADA

«TABOPAN»

TELEFONE N.º 53 — AMARANTE



8716

UMA DAS MAIS MODERNAS INSTALAÇÕES DA EUROPA NA PRODUÇÃO DE MADEIRA AGLOMERADA

Placas de 2,50×1,25—2,13×1,25—2,13×1,00—2,13×90—80, 75, 70 e 2,00×1,00
Espessuras: de 3 a 36 m/m para todas as aplicações

**Portas, Lambrins, Tectos, Mobiliário, Construção Civil e Naval, Hangares,
Casas Pré-Fabricadas, Carteiras e Mobiliário Escolar, etc.**

Esta madeira foi considerada pelos famosos cientistas germânicos em madeira aglomerada, Engenheiro H. F. Schewiertz, de Hamburgo, e Professor Wilhelm Klauditz, da Universidade Técnica de Braunschweig, como a melhor que se tem produzido na Europa

Também o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, de Lisboa, a considerou igual à melhor que se produz no estrangeiro

As construções de maior categoria têm preferido «TABOPAN»

A única Fábrica Europeia que produz placas de 3, 4, 5 e 6 milímetros de espessura com uma resistência de 407 kg./cm² (cerca de 3 vezes mais que a madeira maciça)

Distribuidores no Distrito do Porto
e Província do Minho:

Sociedade Comercial de Representações José Soares, Lda.

R. Rodrigues Sampaio, 169-2.º • Tel. 28091
PORTO

Distribuidor em Lisboa:

ALVES DE SÁ & C.ª, L.ª

R. das Janelas Verdes, 86 • Tel. 66 94 22

LISBOA



Produtos Sandoz Lda.
Rua João Penha, 14 B - Lisboa

As vinhas perdem-se ...
se se lhes suprime a protecção
antiparasitária.
Para uma protecção perfeita:

Miltox ou

Cobre-Sandoz
contra o mildio

Thiovit contra o oídio

Ekatine contra os ácaros

Ekatox
contra o pulgão e as lagartas.

8933

ADUBAÇÃO FOLIAR

Um progresso em fertilização!

- **estimula a actividade vegetativa**
- **antecipa a maturação**
- **favorece o desenvolvimento da fruta e evita a sua queda**
- **melhora a cor e a qualidade**
- **aumenta os rendimentos unitários**

3686

CONSULTE A SAPEC SOBRE A ADUBAÇÃO FOLIAR

LISBOA

Rua Victor Gordon, 19
Telef. 36 64 26



Agência no PORTO

R. Sá da Bandeira, 746-1.º D.
Telef. 2 37 27

DEPÓSITOS E REVENDEDORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

AS RAÇÕES E CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS

são garantia de

mais carne

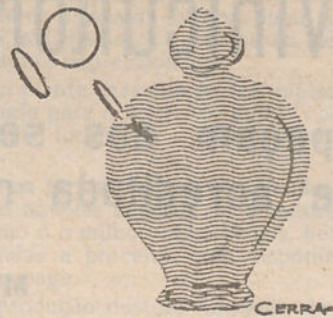
mais ovos

mais leite

MAIS DINHEIRO



Faça um ensaio... e convencer-se-á



FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131

GAZETA DAS ALDEIAS



(203)

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA - 2 — Tel. 369965

1925

SUMÁRIO

O tão caluniado milho	361
A propósito da Campanha da F. A. O. contra a fome — prof. C. M. Baeta Neves	362
Suplementos de Vitamina A para as rações — Eng. Agrónomo Júlio Moreira	365
Árvores e madeiras de Portugal — Eng. Silvicultor Albino de Carvalho	367
Defendamos os agricultores — Eng. Agrónomo António Rosa Júnior	369
A arborização de maciços calcários — Eng. Silvicultor João da Costa Mendonça	371
O aprovisionamento artificial das abelhas — Eng. Agrónomo Vasco Correia Paixão	374
A importância do sulfonitrato de amónio em viveiros de arroz — Reg. Agrícola José Farinha	376
Propaganda inteligente	377
Mirante — Conde d'Aurora	378
Principais leis referentes à Reforma Fundiária Italiana — Eng. Agrónomo Alberto José Lago de Freitas	379
A floresta na economia da Lavoura — Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas	383
Caça e Pesca — Para quando o Rio Minho — Almeida Coquet	386
Os acidentes em agricultura — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	389
Secção Feminina	392
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura	394
— Fruticultura	395
— Patologia Vegetal e Entomologia	396
— Apicultura	396
Informações	397
Intermediário dos Lavradores	398

A NOSSA CAPA



Viana do Castelo—Castelo do Neiva
—O sargaço é fonte valiosa de estrume

Cliché gentilmente cedido pelo
Centro de Estudos de Etnologia
Peninsular—Porto.

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

O TÃO CALUNIADO MILHO

EM plena época de sementeira do milho vem-nos à mente tudo quanto se tem dito em desabono desta cultura. Todos os defeitos lhe tem sido apontados e comentadores — que se têm por sábios — vá de condená-la, esquecendo-se, na mesma oportunidade, de aconselhar qual a *especulação* a que a lavoura do milho se deveria dedicar em sua substituição.

E entretanto, para aqueles que a conhecem de perto, ela mantém ainda e cada vez mais, um conjunto de virtualidades difícil de igualar. Assim o entendem os países da Europa, como a França, a Itália, a Holanda, a Bélgica, a Dinamarca e outros ao expandi-la cada vez mais em ritmo ascendente impressionante.

O mal não reside na planta, mas sim na má implantação da cultura, mas isso é tão verdade para o *pobre do milho*, como para qualquer cultura imprópriamente localizada e que não atinja produções rentáveis.

Ponham-se de parte as terras magras, sem fundo de fertilidade capaz e aproveitem-se só aquelas capazes de alimentar uma planta de crescimento rápido como é o milho, terras férteis, bem estrumadas e bem adubadas, preparadas a preceito, com disponibilidades suficientes em água e o milho paga.

Pense-se em dar à produção destino diferente da «brôa» tradicional. Considere-se a espantosa massa de forragem que o milho é capaz de produzir, forragem colhida duma só vez e de ensilagem garantida e de alto valor nutritivo.

Bem localizada a cultura, impõe-se então o emprego das novas variedades híbridas, de alto rendimento e por isso mesmo exigentes quer em alimentação, quer em oportunidade de cuidados, quer em clima e água.

A vantagem dos milhos híbridos fica bem demonstrada com a procura, que nesta campanha tem tido. Lento nas suas reacções o lavrador acabou por ver que na cultura dos milhos híbridos encontra uma defesa económica válida e que é preferível deixar as terras magras, pobres e sem rega, para outras culturas, inclusivé a florestal, dedicando-se então e em cheio, a uma cultura capaz de tão generosa planta.

Ao enveredar pela cultura dos milhos híbridos tenha se bem em mente que é preciso não regatear meios e escolher a variedade em função das condições locais, defendendo-se de conselhos sem valor ou de mercantilismos sem consciência.



A propósito da

CAMPANHA DA F.A.O.

contra a fome

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

DEPOIS de Sua Santidade o Papa João XXIII se ter referido, numa das suas belíssimas alocuções de carácter social, ao problema mundial da fome, é de esperar que tal assunto tenha perdido pelo menos um pouco da agressividade que lhe era atribuída.

Quando a consciência dos problemas que atormentam a Humanidade é apresentado públicamente por uma tal autoridade, deixa mesmo de ser justo e legítimo qualquer entrave que se oponha à livre discussão à sua volta, se esta se baseia em atitudes e ideias inteiramente imparciais.

Poderá ainda haver um certo pejo de, cada um em sua casa, ou melhor, no seu país, analisar as condições de vida próprias e divulgar as conclusões a que tenha chegado. Mas quando se trata do problema da fome, pelo rosário de amarguras que a acompanham, pelo que traduz no sentido social, político e económico, ainda menos se justifica qualquer pudor, necessário como se torna conhecer as suas verdadeiras causas, para se procurar a melhor forma de lhe dar a devida e mais rápida solução.

E não se julgue que fome, como muito bem o dizem e explicam as múltiplas publicações editadas pela F.A.O., é apenas aquele superlativo que se traduz na morte

por inanição; a fome pode existir e minar a vida de muitos milhões de seres humanos, disfarçada em carências alimentares, na insuficiência sistemática de certas substâncias que não são ingeridas diariamente, ao longo de anos, nas quantidades necessárias para se manter o perfeito equilíbrio da vida vegetativa.

Não me será negada assim, estou certo, a oportunidade de mais uma vez abordar tal tema nesta revista, empenhado como nós todos devemos estar, e muito especialmente os técnicos agrários, em colaborar nessa entusiasta campanha a que Sua Santidade deu o seu magnânimo e paternal beneplácito.

* * *

Quando se pretende, num país como o nosso, conhecer, com o indispensável rigor científico, qual o regimen alimentar mais comum da população respectiva, na ausência de uma entidade especialmente dedicada ao estudo da alimentação humana, há que procurar na bibliografia, mais ou menos vasta e dispersa, as informações desejadas que está lhe possa fornecer.

Foi o que fiz recentemente a propósito de um trabalho sobre as condições fitosanitárias de alguns alimentos de primeira

necessidade, no caso do continente metropolitano.

Mas na falta desse organismo coordenador e dedicado à investigação própria, o que se obtém, no nosso caso, é uma manta de retalhos, feita à custa de uma série ininterrupta de boas vontades, representadas estas por uns tantos carolas, entre médicos, antropologistas, economistas, engenheiros agrónomos e engenheiros silvicultores.

E a conclusão a que se chega, confirmada, praticamente, por todos os autores, é de que em Portugal metropolitano continental ou se come demais ou se come de menos, sendo muito superior o número daqueles a que corresponde esta última condição, a maior parte do qual pertence ao meio rural.

Santos Reis (*A nutrição e a saúde pública portuguesa* — Centro de Estudos Demográficos, Revista, n.º 12, Lisboa — MCMLX, pp. 23) afirma: "*Existem entre nós comedores, pessoas que fazem uma alimentação excessivamente copiosa e rica em proteínas animais, mas em contrapartida, há uma percentagem considerável de indivíduos que, sobretudo devido às parcas disponibilidades monetárias e aos encargos familiares que têm de suportar, não utilizam as qualidades de alimentos que são apontadas como médias, mas sim bastante menos* (até aqui é transcrição do trabalho de Rocha Faria, *O problema alimentar português. Subsídios para a sua resolução*, Lisboa, 1950), comprometendo bastante a sua nutrição, sendo, como se acentuou, os economicamente mais débeis os mais atingidos pelo desequilíbrio alimentar».

E como o autor, com o seu trabalho, actualizou o assunto, mantendo as conclusões dos seus antecessores, não pode ser atribuída a esta opinião, a maior parte da qual é uma transcrição de outro autor, uma desactualização que lhe tire por completo o seu valor informativo.

Não se pode assim dizer que em Portugal o problema da fome se apresente com a acuidade e características que possui em diversos países sul-americanos, africanos e asiáticos, pelo menos em relação ao continente metropolitano. Mas

dizer que a alimentação do povo português, neste último território, é satisfatória, equilibrada e suficiente, é igualmente atraioar a verdade, como qualquer pode verificar, ou pelos casos que conheça ou pela leitura dos trabalhos anteriores, e ainda da utilíssima bibliografia prefaciada e anotada, "*A alimentação do povo português*", da autoria do Prof. Mendes Correia, publicada pelo mesmo Centro de Estudos Demográficos, em 1951, além de alguns outros trabalhos mais recentes.

Mas nós não nos podemos esquecer, e hoje mais do que nunca, que Portugal não se resume a esta estreita faixa da Península Ibérica; as nossas responsabilidades perante nós próprios, o Mundo e os povos que vivem noutros territórios portugueses, obrigam-nos a considerar também em relação a eles o problema da fome. Não tive eu ainda oportunidade para consultar a bibliografia que lhe diz respeito, mas apesar disso tenho à minha frente o trabalho de Santos Reis e Coutinho da Costa, *A alimentação dos manjacos (Primeiros subsídios)*, publicado no vol. XVI, n.º 63, Julho de 1961, pp. 377, do «Boletim Cultural da Guiné Portuguesa». Nele se afirma, como conclusões, o seguinte: "1.º — *Os manjacos da povoação de Biacha não apresentam quaisquer sinais que traduzam com clareza um mau estado de nutrição.*

2.º — *A sua dieta apresenta-se dentro das características gerais dos regimens africanos: fraco valor calórico, predomínio glucídico exagerado, carências mais ou menos graves de prótidos (sobretudo animais), minerais e vitaminas.*

3.º — *As variações estacionais demonstraram existir uma época (Abril) em que os habitantes desta região dispõem dum certo número de géneos que lhes permite suplemetar razoavelmente a sua dieta, mas infelizmente nos restantes períodos não há compensação desse consumo.*

4.º — *Verifica-se agora mais uma vez a discordância existente entre os dados obtidos pelos inquéritos clínicos e laboratoriais e as dietas obtidas com os inqué-*

ritos dietéticos, facto que leva a suspeitar da existência de fenómenos de adaptação a regimes insuficientes".

E sendo o problema africano um dos mais graves, embora neste caso sejam mais uma vez as insuficiências da composição da dieta o aspecto de que se reveste, a F.A.O. também lhe dedicou a sua atenção especial, publicando em três grossos volumes, sob o título "*Nutrition et alimentation tropicales*" (1957) um "*Recueil des conférences du denxième cours de nutrition pour l'Afrique noir*", curso realizado em Marselha entre 4 de Outubro e 15 de Dezembro de 1955.

* * *

Há coisas que eu não consigo perceber; se de facto, como afirmou Buda, "*A fome e o amor constituem o germen de toda a história da humanidade*", opinião que além da divina autoridade que lhe assiste tem sido, e continua a ser, corroborada por milhões e milhões de seres humanos, porque se não dá ao seu estudo, e à resolução dos problemas próprios, a primazia que de facto possuem em relação a todos os outros problemas que nos atormentam.

Em relação à fome, e quem se refere à fome está implicitamente a referir-se à Alimentação, se não fosse a F.A.O., continuariam a morrer diariamente por esse Mundo fora milhares de seres humanos, sem que alguma coisa de conjunto se fizesse para a dominar, além de esforços isolados e esporádicos de uns raros indivíduos e governos.

E entre os três cavaleiros de Apocalipse, ainda é aquele cuja trágica actividade mais vítimas tem causado e que mantém mais vitalidade e firmeza na sua sela. Há que lhe dar combate sem tréguas, sem desânimos e sem medo dos sacrifícios que imponha tal luta, para salvar da inanição quantos estão à sua beira, esperando o momento de irem juntar-se ao rol inumerável das suas vítimas.

No nosso caso importa, acima de tudo, criar um organismo que se lhe dedique exclusivamente. Em Itália, por exemplo, existe um "*Direzione generale dell'Ali-*

mentazione" no "*Ministero dell'Agricoltura e delle Foreste*", e à semelhança deste, ou de outros organismos idênticos, é fundamental que surja na nossa orgânica de Serviços Oficiais aquele que tenha a seu cargo o estudo de todos os problemas que dizem respeito à alimentação dos portugueses, com os recursos legais necessários para pôr em prática as soluções que julgar mais convenientes.

Se em Portugal, metropolitano e ultramarino, a fome propriamente dita, não existe como uma ameaça permanente de morte por ausência completa de alimentos, ou pelo menos em qualidade abaixo do mais baixo limite de relativa suficiência, o que não pode haver dúvidas, e chega até a ser criminoso apresentá-las, é que existem graves problemas de alimentação, com consequências para a saúde de muitos, que importa resolver urgentemente e a todo o transe.

E para quantos o assunto os atemorize, recolhidos na sua fortaleza de egoísmo, há que chamar a atenção para o exemplo de Sua Santidade, a quem cabe, pelo menos no Mundo Cristão, zelar pela vida espiritual e material de todos os seus filhos.

Se o Papa levantou a sua voz, dando a sua preciosa colaboração à campanha da F.A.O., não haverá ninguém, nomeadamente entre os que se dizem católicos, que possa negar-se a dar também a sua quota-parte no esforço que haja a fazer para que todos em Portugal tenham o seu *Pão nosso de cada dia*, em quantidade e qualidade que lhes permita resistir à doença e a todo o cortejo de misérias e sofrimentos de que são acompanhadas as próprias carências alimentares, quando estas atingem o carácter patológico.

Que se não esqueça um dos princípios mais elementares da Doutrina cristã: "*Dar de comer a quem tem fome*".

"*Surge et ambula*" é o que apetece dizer aos paralíticos da vontade, para que partam a caminho do Mundo de Cristo, onde não cabem aqueles que em vez de O servirem, apenas pensam, refesteladamente, na satisfação diária da sua pecaminosa gula.

Suplementos de Vitamina A para as rações

Por JÚLIO MOREIRA
Eng. Agrônomo

(Conclusão do n.º 2494, pág. 353)

5—qualidade dos concentrados de vitamina A

A qualidade de um concentrado de vitamina A tem de ser definida em relação a dois aspectos fundamentais: a estabilidade que apresente quando incorporado num alimento composto, e a forma como for absorvido pelos animais.

O primeiro tipo de aditivo foi a solução oleosa, de origem natural ou sintética. Os óleos de fígado de bacalhau e de outros peixes foram bastante usados, quer com a concentração natural quer com uma concentração superior e em geral standardizada. A mistura duma substância oleosa às farinhas não é porém fácil e tentou-se uma outra forma em que os óleos eram fornecidos num suporte vegetal (farinha de soja, sêmola de milho, etc.). Os inconvenientes deste processo não dependem apenas, porém, das dificuldades tecnológicas da mistura. Os óleos, facilmente oxidáveis dispersam-se em pequenas gotas pelas farinhas onde abundam substâncias activadoras da oxidação, e, devido à grande superfície que apresentam em contacto com o ar, perdem rapidamente o poder vitamínico. Os antioxidantes não permitiram só por si resolver este problema de estabilidade e tornou-se necessário recorrer a outras formas mais evoluídas de aditivos.

O problema a resolver consistia em proteger a vitamina A do contacto com o meio, usando para esse fim substâncias que não impedissem a sua absorção. As

soluções para este problema são diversas e pode-se dizer que actualmente cada fabricante de concentrados de vitamina A para enriquecimento de rações utiliza o seu próprio processo. O princípio em que se baseiam é porém idêntico e pode esquematizar-se da seguinte forma:

- a) uma solução oleosa de vitamina A é emulsionada num excipiente sob a forma líquida.
- b) a emulsão é precipitada e seca obtendo-se um produto finamente granulado contendo a vitamina A (fig. 2).
- c) os grânulos são lavados com um solvente orgânico para retirar a vitamina A superficial que seria posteriormente destruída em contacto com o ambiente.
- d) o produto em pó é standardizado para um determinado teor de vitamina A.

Este esquema admite um grande número de variantes, sobretudo quanto à escolha do excipiente. Entre outros podem citar-se, empregues isoladamente ou em misturas, a gelatina, ceras, gorduras vegetais, a maltose, a lactose, o amido, a caseína, pectinas, a goma adragante, a goma arábica e a metilcelulose.

O excipiente deve obedecer a diferentes exigências de ordem tecnológica e fisiológica entre as quais se destacam:

- a) o ponto de fusão
- b) a higroscopicidade
- c) as qualidades plásticas (elasticidade, dureza)

- d) digestibilidade
- e) inocuidade
- f) actividade química

Todas estas variáveis se devem localizar em intervalos de valor óptimos de forma a obter-se a maior eficácia. Os aspectos tecnológicos de fabrico dos

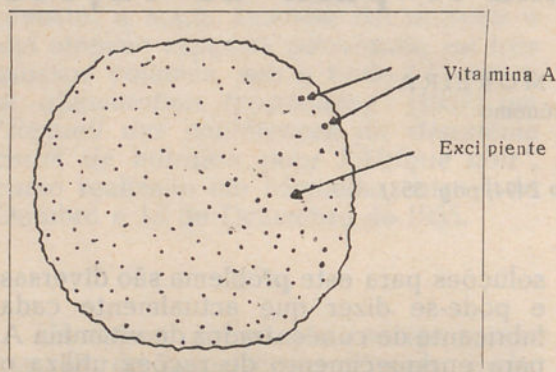


Fig. 2 — Esquema de um grânulo de concentrado de vitamina A

concentrados também são importantes, introduzindo novos condicionalismos na determinação da qualidade.

Dum ponto de vista prático, é em face dos respectivos índices de estabilidade e absorção que se pode julgar a qualidade de cada um dos produtos comerciais.

Em princípio convém que estes índices sejam tão altos quanto possível, no entanto deve-se atender à relação existente entre eles. Um concentrado pode apresentar uma estabilidade excelente e no entanto ser dificilmente absorvido pelos animais, e pelo contrário ter um índice de absorção muito elevado, mas ser pouco estável. No primeiro caso a vitamina A atravessará o tubo digestivo sem ser utilizada, no segundo a quantidade de vitamina A ingerida com os alimentos será muito inferior à que fora adicionada e tanto num como noutro a suplementação será ilusória. Importa portanto que uma percentagem tão elevada quanto possível de vitamina A seja ingerida juntamente com os alimentos e que a sua absorção se realize em condições óptimas. Este facto é tanto mais importante, quanto as condições químicas e tecnológicas que favorecem a obtenção

duma alta estabilidade são em geral prejudiciais à assimilação e vice-versa. Daí a dificuldade em fabricar um concentrado de muito boa qualidade, o que explica as grandes diferenças entre os muitos produtos do género existentes no mercado mundial, dos quais, aliás só um pequeno número se pode considerar satisfatório.

A natureza do concentrado oleoso inicial é também de grande importância. Mesmo que todos os aspectos apresentados encontrem as melhores soluções técnicas, a qualidade do produto final dependerá sempre da forma em que se encontrava inicialmente a vitamina A. Esta matéria prima pode ser obtida por síntese total ou por destilação molecular dos óleos de fígado de peixe e apresenta em geral valores de concentração situados entre 100 000 e 1 000 000 de U. I. por grama. A estabilidade destes produtos base é particularmente importante pois se contiverem substâncias que contribuam para a destruição da vitamina A, seria totalmente ineficaz a estabilização posteriormente realizada e que é concebida como defesa em relação ao meio exterior.

A comparação entre as formas de vitamina A de origem natural e sintética, quimicamente idênticas, tem sido feita, atribuindo-se por vezes às primeiras uma maior actividade biológica. Esta ideia estabeleceu-se em consequência de se verificar em certos casos uma maior estabilidade dos concentrados naturais, explicável pela presença de substâncias estabilizadoras que faltam nas formas sintéticas. Mas uma vez que os problemas de estabilidade se encontram resolvidos a noção de uma superioridade de acção biológica da vitamina A natural está posta de parte.

A definição da qualidade deve atender ainda a factores de ordem física relacionados com a facilidade de incorporação, ou seja entre outros:

- a) tamanho das partículas
- b) densidade
- c) rugosidade da superfície
- d) formação de poeiras
- e) aderência das partículas

Estes factores são importantes porque,

(Conclui na pág. 370)

Árvores e madeiras de Portugal

II—EUCALIPTO

Por ALBINO DE CARVALHO
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2494, pág. 347)

Conversão e secagem

A madeira de Eucalipto é considerada de difícil e de muito delicada conversão e laboração. Tais factos são resultantes, sobretudo, das poderosíssimas tensões internas existentes em equilíbrio na árvore em pé, mas libertadas, com todas as consequências previsíveis, quando do seccionamento do sistema. Referimo-nos fundamentalmente, como é óbvio, às árvores de grande porte, capazes de produzirem madeiras de grandes dimensões.

As dificuldades de conversão da madeira de Eucalipto surgem logo a seguir ao abate da árvore. Com efeito, durante a toragem, sempre que existe *fio espiralado* muito acentuado, como infelizmente acontece na maior parte dos indivíduos produzidos no País, podem verificar-se fendas ou rachas radiais centrifugas, mais ou menos extensas e mais ou menos profundas, consoante a intensidade do «enrolamento». Este fenómeno do fendimento em verde, não pode ser evitado, já que é devido, fundamentalmente, a um defeito congénito. Tem, com o objectivo de melhorar a qualidade da madeira desta espécie, papel preponderante a selecção das árvores, com vista à produção de fustes direitos, sem torção, bem como a criteriosa escolha das «estações» de cultivo, já que se admite, com fundamento, que as condições edafo-climáticas de desen-

volvimento das árvores podem afectar, de forma decisiva, a qualidade das madeiras que produzem.

Durante a serragem e secagem, os mesmos factores podem ser responsáveis por prejuízos muito consideráveis.

A madeira de Eucalipto possui, como vimos, muito alta contracção volumétrica e forte diferença entre as retracções tangencial e radial. Tem, pois, acentuada tendência para se deformar e para abrir fendas durante a secagem. Além disso, apresenta, como dissemos, não apenas *fio espiralado*, mais, ainda, *lenho de tracção*. São aquelas características e estes defeitos, os factores principalmente responsáveis pelas dificuldades com que se depara na conversão e na secagem.

É possível, de forma decisiva, reduzir o volume dos desperdícios, ou a inutilização das peças, adoptando técnicas apropriadas de serragem e de secagem. Recomenda-se, com efeito, proceder, sempre que possível, à serragem radial, verificando-se que os melhores resultados se obtêm quando se secciona, inicialmente, o toro em 4 partes, por dois «fios» perpendiculares, para, depois, desfiar cada uma segundo a direcção dos raios lenhosos. Desta forma se obtêm peças cuja largura é paralela ao curso dos raios, reduzindo-se, substancialmente, não apenas a tendência para a abertura de grandes fendas ou rachas de topo, como também os em-

penos em meia-cana muito frequentes quando a serragem é tangencial.

A serragem radial é mais cara e conduz a maior volume de desperdícios na conversão em verde. Em compensação, reduz, de forma muito significativa, os defeitos da secagem (fendas, rachas, e empenos), pelo que o aproveitamento final,



Microfotografia da secção tangencial do lenho de Eucalipto

como madeira é, certamente, superior ao obtido pela técnica tangencial e, sobretudo, de muito melhor qualidade. Consequentemente, a serragem radial é rendosa e sempre de aconselhar.

O método de secagem ao ar é, também, importante. As pilhas devem ser constituídas de forma a evitar ou reduzir, essencialmente, dois tipos de defeitos: empenos e fendas ou rachas de topo. Com estes objectivos, o empilhamento deve fazer-se usando régua de pequena espessura (1,5 a 4 cm), pouco espaçadas (0,50 a 0,60 m), deixando suficientes chaminés de arejamento (0,10 a 0,12 m), sobre um estrado perfeitamente nivelado e suficientemente elevado do solo (0,40 a 0,50 m).

Por outro lado, para evitar os empenos, recomenda-se coroar as pilhas com peças

pesadas, ou travá-las com esticadores apropriados, que, periodicamente, se ajustam.

A secagem deve, preferentemente, realizar-se sob coberto, em ambiente bem arejado.

Poucos elementos existem quanto à duração da secagem ao ar das madeiras de Eucalipto. Normalmente, considera-se que estas madeiras levam 1 ano/cm de espessura das peças. Esta regra empírica é muitíssimo exagerada. De facto, experimentalmente se verificou que peças com 30 mm de espessura, empilhadas no Verão com cerca de 75% de humidade, ao fim de 4 meses, passaram a ter apenas 18%! Admite-se que se o empilhamento se fizer na Primavera é possível conseguir, ao fim de 4-5 meses, uma humidade da ordem dos 15%, perfeitamente aceitável para os trabalhos correntes de carpintaria e de construção.

A presença de *fio espiralado* na madeira de Eucalipto, bem como a sua dureza, dificultam a serragem. Recomenda-se, por isso, que a conversão se faça em verde, com velocidades de avanço moderadas (inferiores às usadas na serragem do pinho) e com dentes de menor ângulo de ataque e de menor passo.

Com o propósito de melhorar a qualidade da madeira, é costume, por vezes, proceder à morte da árvore em pé por meio de uma incisão anelar na base do fuste. Esta prática foi, pouco a pouco, abandonada, porquanto se verificou que tal procedimento não conduzia ao objectivo pretendido. Com efeito, além de não conseguirem reduzir-se as causas mais sérias de desvalorização da madeira, criam-se condições propícias à infestação e infecção de vários depredadores. Por outro lado, a morosidade da morte é óbice incomportável.

Ainda na conversão, é frequente preconizar-se o desseivamento da madeira, por prolongada imersão em água doce corrente. Pretende-se, assim, acelerar a secagem e reduzir as deformações. Pode, efectivamente, por este processo, melhorar-se a qualidade, como, também, reduzir-se a possibilidade de infestação por alguns insectos. Mas, de uma maneira geral, as nossas indústrias não dispõem de meios para proceder a este tratamento. Em casos

(Conclui na pág. 373)

Defendamos os Agricultores

Cooperativas

Por

ANTÔNIO ROSA JÚNIOR

Eng. Agrônomo

As cooperativas sempre têm merecido a atenção daqueles que compreendem que só na associação se pode conseguir a aproximação, pelo menos, do equilíbrio tão necessário a qualquer actividade.

O grande paladino do movimento associativo que foi D. Luís de Castro e nos deixou os seus ensinamentos e uma grande saudade, escrevia em 1900, em «Semente lançada à terra»:

«A agricultura há-de comercializar-se e industrializar-se para viver. Quer queira quer não queira, assim é que é. Escusa de apelar eternamente para os governos, tem muito que fazer ainda para garantir a existência..... E para isso é necessário como condição *sine qua non* «escorraçar o selvagem individualismo solitário».

Não resta dúvida que devido à acção inteligente e persistente, e clareza de esclarecimentos e argumentação do saudoso mestre se instalaram sindicatos agrícolas, cooperativas e mutualidades, mas só foram dignas da missão que lhes fora indicada algumas dessas associações, apenas aquelas que tiveram a felicidade de receberem entre os seus associados um ou outro apóstolo, verificando-se que com o seu desaparecimento passaram a vegetar para acabarem por morrer.

A nossa agricultura é pobre e a pobreza de que enferma não lhe serve de estímulo para uma melhor compreensão

de que «na vida económica moderna não há lugar para actividade puramente individual» como escreveu o grande economista Truchy.

Além da pobreza há uma grande falta de educação e espirito associativo e não há respeito devido pelos bens alheios.

Há necessidade premente de educar os agricultores dando-lhes mais motivos de confiança e estimulando-os a melhorarem os seus bens. Há necessidade de não os castigar com encargos sempre que se prove que são agricultores dedicados, que às suas culturas e gados se entregam com afinco e gastando na sua actividade todo o capital disponível para melhoria dos seus bens de produção.

Apareceu com o regimen politico actual uma melhor extruturação do associativismo e, apesar de não estarmos ainda suficientemente educados para aceitarmos a associação, pois o individualismo feroz ainda nos acompanha, já se encontram no País algumas cooperativas, com boa actividade e com futuro prometedor.

Adegas cooperativas têmolas a auxiliar os fazendeiros, convencendo-os de que só assim poderão fugir das garras dos que se habituaram a explorá-los. Lagares cooperativos já funcionam muitos em condições de se imporem estimulando assim a instalação de muitos outros nas regiões oleícolas. Apesar de tudo o que há, muito falta ainda fazer. Não temos cooperativas que possam alugar boas máquinas convenientemente acompanhadas por mecânicos responsáveis, que aluguem sondas

próprias para pesquisa da água que tanta falta faz nos períodos de calor e seca. Não temos câmaras frigoríficas que guardem em boas condições a fruta que na época da produção existe em excesso e nada vale, nem há condições económicas para desidratar frutos, tubérculos e outros produtos que seriam preparados para serem consumidos na melhor oportunidade.

Nem todos os povos se aprontam pedindo a criação de cooperativas ou procurando os benefícios que lhes podem ser concedidos pelos grêmios da Lavoura do seu concelho. Mas também é certo que nem todos os grêmios da Lavoura se impõem pela sua actividade de modo a captarem a simpatia dos seus associados. Culpa dos sócios, culpa do funcionamento dos serviços abusando ainda duma burocracia desconcertante, tão arreigada nos nossos costumes e nos mangas de alpaca que se habituaram à complicação da papelada?

Não sabemos, mas seja como for, a Lavoura necessita de organizar a sua defesa trabalhando honestamente e procurando produzir essencialmente tudo o que lhe possa dar lucro, ou pelo menos, tudo o que ofereça maior número de probabilidades de lucro. Os «lavradores» reconhecem de há muito que necessitam juntar-se e receberem do seu labor compensação que lhes sirva de estímulo para produzirem mais e melhor.

Os lucros não devem ir só para o industrial e para o comerciante. O lavrador também necessita melhorar o seu património com a aplicação de parte dos rendimentos, que bem merece, em investimentos fundiários.

As empresas comerciais e fabris no fecho de contas, que podem conseguir, indicam quase sempre verba substancial para reservas e amortizações.

Que pode fazer o lavrador cujos encargos são permanentes e sempre com a aplicação do capital a longo prazo?

A ideia associativa vai-se espalhando entre os agricultores e muitos já desejam organizar-se em cooperativas na esperança de melhores dias.

Adegas Cooperativas e Lagares Cooperativos vão-se instalando, e a semente parece querer germinar e produzir.

No concelho do Crato onde o seu grémio da Lavoura se tem interessado sempre por enfileirar no grupo daqueles que sabem a missão para que foram instalados, tendo em funcionamento uma cooperativa, deseja agora instalar um lagar cooperativo, pois conhece o valor oleícola do seu concelho e a bondade dos seus olivais.

Mas apesar de todos os esforços dos dirigentes de grêmios, não são muitos os olivicultores que responderam à primeira chamada. É sempre assim, há sempre muitos que ficam numa expectativa benévola, porque a desconfiança impera e a incerteza dos resultados do empreendimento os assusta. É necessário ver para crer, e eles necessitam que o lagar cooperativo prove a sua utilidade e eficácia para então correrem em massa para se inscreverem na sociedade.

Presentemente não falta tudo, pois já há umas dezenas de sócios fundadores cheios de boa vontade, que têm terreno comprado para a instalação e aguardam perfeita compreensão dos serviços da Secretaria de Estado da Agricultura para o seu desejo se tornar numa realidade e mostrarem que no Crato a memória de D. António lhes dá ânimo suficiente para não abandonarem a luta.

Suplementos de Vitamina A para as rações

(Conclusão da pág. n.º 366)

caso não estejam satisfatoriamente resolvidos, além dos inconvenientes tecnológicos relacionados com a manipulação dos concentrados de vitamina A na fábrica, as suas partículas podem tender a depositar durante o transporte e armazenagem dos alimentos compostos ficando desigualmente distribuídas.

Dada a complexidade dos factores em causa só os testes biológicos, cuidadosamente realizados de forma a permitirem uma interpretação estatística dos resultados, poderão dar a exacta medida da qualidade dum concentrado de vitamina A. A escolha da qualidade é porém fundamental para a obtenção do rendimento que se espera e se deve exigir da adição dum suplemento.

A arborização

DE MACIÇOS CALCÁRIOS

Por JOÃO DA COSTA MENDONÇA
Eng. Silvicultor

EMBORA confinados a limitadas regiões do País — existem várias províncias completamente desprovidas desta rocha — os calcários revestem-se de importância muito significativa, pois cobrem uma extensa superfície, sobretudo na faixa litoral que do Mondego se estende até ao Tejo, a qual para o interior não ultrapassa o eixo Coimbra-Abrantes. Esta é realmente a massa principal, e a que nos propomos tratar em detalhe, até porque conhecemos mais em pormenor a sua morfologia e os seus problemas agrários. Neste artigo referiremo-nos muito particularmente, como é óbvio, ao aspecto silvícola, e, sobretudo, às possibilidades de arborização dos vastos espaços incultos, tão característicos desta parcela de território português e que coincidem essencialmente com as zonas classificadas por Manique e Albuquerque na sua excelente Carta Ecológica de Portugal como "*calco-mediterrâneas*" ou sejam o Rabaçal, o Sicó, o Maciço calcário-estremenho (que compreende parte ou a totalidade dos concelhos de Rio Maior, Alcobaça, Porto de Mós, Batalha, Tomar, Vila Nova de Ourém, Torres Novas, Alcanena e Santarém), abrangendo as Serras de Aire e dos Candeeiros, o Montejunto, o Monte Agraço, os montes de Alenquer e de Arruda, e ainda a Serra da Arrábida, já além-Tejo, na península de Setúbal. Evidentemente, não são estes os únicos rin-

cões calcários, outros existem em Portugal aos quais se poderão aplicar as notas gerais que adiante se explanam, embora, com a necessária cautela, indispensável em face das inevitáveis divergências de clima existentes. Uma excepção, todavia, deveremos registar: pensamos que a matéria mencionada só dificilmente se aplica às áreas de calcários cristalinos, que constituem um caso específico; para elucidação dos leitores que, possivelmente, não conheçam a paisagem correspondente a esta rocha, lembramos a Serra de Borba e de Estremoz, de cor vermelho-carregado, as terras rossas, densamente povoadas de oliveiras.

Circunscrevemos, portanto, o nosso estudo, aos domínios dos afloramentos calcários no Centro-Litoral, cuja fisionomia, própria das zonas calco-mediterrâneas, corresponde a distintos enclaves, em verdadeiro contraste com as paisagens vizinhas. Silva Telles, no Guia de Portugal, descreveu-os magistralmente. Recomendase, em consequência, a quem nunca, porventura, percorreu a região e tenha empenho em conhecê-la, que recorra a esta excelente publicação; aliás escusado será dizer que a sua leitura é bem proveitosa a todos os interessados — são multidões com certeza — no conhecimento das variadas facetas paisagísticas e monumentais da pátria portuguesa. E a verdade é que nem o facto de a obra já

não estar actualizada, nem completa — anuncia-se, no entanto, a sua conclusão para breve — lhe rouba interesse ou valor.

Para os mais apressados, tentaremos, contudo, dar uma breve ideia do facies calco-mediterrâneo. À primeira vista, fica-se surpreendido com o panorama, que nos sugere países estranhos, a lendária Palestina romana, popularizada no cinema, ou paragens Balkânicas, da Grécia e da Jugo-Eslávia. E até, no âmago do maciço, nos recantos de paisagem mais deteriorada, onde reina desolação, traduzida em horizontes de pedregosidade despida de vegetação, sentimo-nos, por vezes, trans-



Afloramentos rochosos, matas rasteiras de carrascas e olival, são paisagem corrente nas zonas calcárias do centro litoral português

portados àquilo a que a nossa imaginação instigada pela literatura e pelos filmes de ficção se habituou a considerar uma perspectiva extra-terrena. Todavia, esta impressão corresponde somente aos casos extremos, embora sejam estes que mais impressionam, a média é um pouco melhor. O relevo, embora caprichoso, não é excessivamente acentuado. A cor, é uma mescla de cinzento e vermelho tijolo, mais de um ou do outro, conforme predominam afloramentos rochosos ou terra rubra, donde sobressaem manchas, ora microscópicas, ora gigantescas, de vegetação verde muito escura. Por toda a parte muros de pedra, muitas vezes redon-

das ou ovais; e são precisamente estes muros nas zonas mais escalvadas, a limitar isolados tractos de pobre terreno precariamente agricultado, os principais responsáveis pela visão lunar que surpreende a nossa sensibilidade.

Porém, forçoso é acentuar que esta conjuntura, que corresponde às vertentes declivosas, aquelas que realmente interessam ser consideradas pela silvicultura com vista à sua beneficiação, melhora logo que o terreno se torne plano, o que sucede nas veigas, que numerosas se insinuam entre as alongadas e roliças montanhas, ou nos covões, depressões fechadas muito vulgares e características, a principal das quais é a Lagoa de Minde, havendo inúmeras de mais pequenas dimensões, a maioria dotadas de maravilhoso grau de fertilidade. Pode-se, assim, concluir, que os solos da região variam do muito mau, que é difícil ou até impossível restaurar pelo revestimento florestal, até aos excepcionalmente aptos à cultura agrícola intensiva.

O solo nas encostas, e é este que interessa fundamentalmente melhorar pela arborização, é esquelético, raras vezes delgado, muitas vezes reduzido a simples lajes. Verificam-se, contudo, diversos fenómenos que facilitam a implantação de matas. Um, é o intenso fendilhamento que as rochas acusam. Outro é o facto de os afloramentos se disporem segundo as curvas de nível, formando pequenas barragens que retêm as partículas terrosas.

Hoje em dia, a vegetação espontânea é o carrascal, mato rasteiro muito resistente à seca e aos fogos. Este carrascal representa uma degradação da floresta antiga, que teria sido muito frondosa nos vales e no sopé das montanhas, consti-

tuida por carvalhos portugueses, e espécies de sub-bosque, por vezes sobreiros. Nas cumeadas e nos locais mais expostos aos ventos, teriam predominado as azinheiras. Relíquias que ainda existem nos locais mais inacessíveis, permitem-nos raciocinar desta forma. Todavia, queremos acreditar que esta ainda não é bem a flora climática — isto é, a flora que, sem a intervenção destruidora da humanidade corresponderia ao solo não alterado e ao actual clima local — que pensamos ser algo mais complexa e formada por espécies arbóreas de temperamento mais delicado do que os carvalhos, muitas das quais terão mesmo desaparecido da região, destruindo a fertilidade dos solos onde prosperavam.

Um terrível problema aflige a região; a falta de água. Não que chova pouco, porque até chove uma média excelente, embora com as naturais limitações que tanto prejudicam toda a agricultura portuguesa; muita chuva no Inverno, pouca ou nenhuma no Estio. Sucede, todavia que o solo é deveras permeável e o sub-solo muito perfurado, acumulando-se a água em grandes bolsas que alimentam cursos subterrâneos, que rebentam em facundíssimas nascentes, Rios como o Nabão, formoso pelas suas feracíssimas várzeas e que banha Tomar, antes de desaguar no Zézere, o Alviela, afluente do Tejo, cuja rica nascente abastece Lisboa, o Almonda, outro afluente do Tejo, muito piscoso e que tanto favorece Torres Novas, o Rio Maior e o seu afluente Ribeira de Alcobertas, o Alcoa e o Baça, o Lena e o Liz, o Arunca, que passa em Pombal, o Sisandro, que atravessa Torres Vedras, têm as suas origens no maciço calcário, que percorrem em boa parte do seu percurso.

Por vezes as cavernas onde se reúne a água sofrem derrocadas e originam profundos abismos, os algares; aspectos muito semelhantes a este encontram-se na região de Kaest (hoje Jugo-Eslávia), pelo que se chama a estas formações Kaesticas.

Resta acrescentar que o maciço calcário está sofrendo uma acentuada sangria na sua população, que procura nos centros industriais que circundam a região, nas grandes cidades, no estrangeiro e no

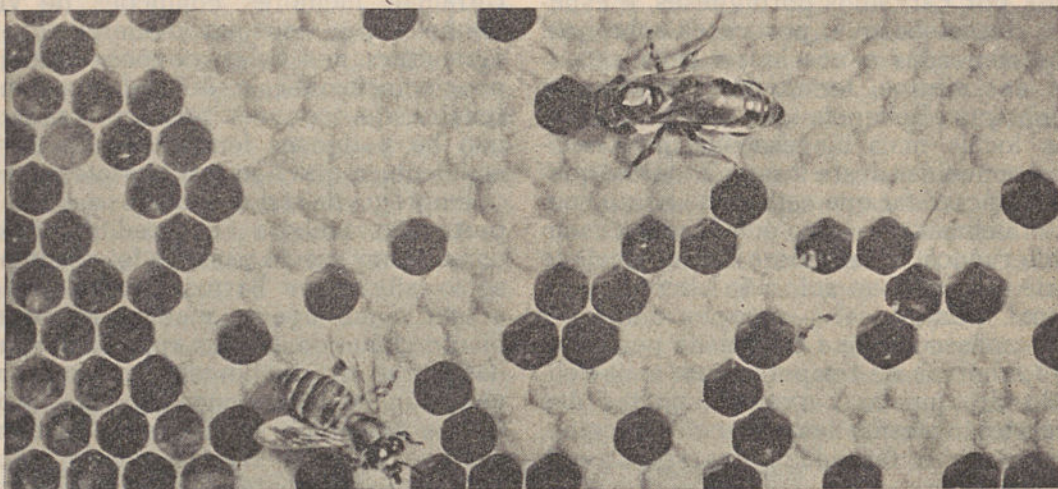
Ultramar, melhores condições de vida. Impõe-se por isso uma modernização da agricultura nos vales, covões e ladeiras pouco inclinadas e de solo profundo. Igualmente, convém ter em conta que não há perigosos fenómenos de torrencialidade, o que não justifica plenamente o emprego da árvore como medida de protecção, embora se acredite que ela, como já no século passado foi citado pelo sábio silvicultor Barros Gomes, poderá actuar como agente moderador do ambiente climático. Destas apreciações, uma ilacção se tira; a floresta terá aqui mais uma função económica do que física. O que dificulta a resolução do problema, porque, não há dúvida que o solo é agreste, e aparentemente pouco favorável à arborização. Parece-nos, no entanto, que o objectivo almejado pode ser atingido. No próximo número tentaremos mostrar como. — *(Continua)*.

Árvores e madeiras de Portugal

(Conclusão da pág. 368)

muito particulares, pode preconizar-se, nomeadamente quando qualquer proprietário que possua uma represa ou um grande tanque, queira beneficiar as madeiras da sua instalação.

Quanto à época de corte das madeiras, não há, entre nós, experiência suficiente para um esclarecimento satisfatório. É aconselhável, para as madeiras tradicionais — caso do pinho, por exemplo —, proceder ao abate no Outono ou no Inverno, já por coincidir com esta época o repouso vegetativo das árvores, já por, então, ser menos provável o ataque de agentes de depredação. Contudo, com o Eucalipto, as coisas passam-se diferentemente, uma vez que a menor actividade fisiológica desta árvore não se verifica no Inverno, mas, pelo contrário, no Verão (período de menor queda pluviométrica). Proceder ao abate no Verão e desfiar, como convém, as madeiras logo a seguir, pode ter os seus riscos, quando não se dispõe de um recinto coberto. Então, será de preconizar o corte na Primavera, rodeando a secagem dos necessários cuidados. — *(Continua)*.



C *aprovisionamento artificial das abelhas*

I-GENERALIDADES

Pelo eng. agrônomo VASCO CORREIA PAIXÃO
Director do Posto Central de Fomento Apícola

(Continuação do n.º 2490, pág. 178)

c) — *Xaropes.*

ε) — *Duração das aplicações.*

O intervalo de tempo durante o qual se devem alimentar as abelhas é dividido pelos tratadistas, unânimemente, em duas classes: — lento ou prolongado e rápido ou a curto prazo, conforme se visa estimular a postura da mestra ou reforçar provisões julgadas insuficientes para a quadra fria do ano.

Dentro de cada classe, o início e o fecho da alimentação variam, sobretudo, com as características meteorológicas dos países ou regiões a que pertencem os autores das obras consultadas; não podem, pois, seguir-se com rigor absoluto as indicações taxativas que alguns deles facultam aos seus leitores, mas importa, naturalmente, reter o critério orientador da manobra em si, a fim de que possamos

também realizar a operação, entre nós, com a devida e a indispensável oportunidade, condição necessária e suficiente para o almejado êxito.

Vejamos, portanto, o que, a este respeito, conseguimos forragear entre os nossos habituais expositores:

§ 1.º — *Alimentação estimulante, lenta ou prolongada* — Segundo Bertrand é 45 a 50 dias antes da época normal da ocorrência da meladura mais importante na região que se deve começar a estimular a postura da mestra; Layens e Bonnier fixam quase o mesmo prazo, visto recomendarem a colocação do alimento, diariamente, 6 ou 7 semanas antes da época prevista para o início da grande colheita de nectares.

Lemaire, embora siga técnica um pouco diversa, deve enfileirar também ao lado

destes autores; diz ele, com efeito, que se o tempo é favorável e permite às abelhas sair, devem estas alimentar-se com 50 gr diários de xarope, elevando a dose, finda uma década, para 100 gr e, um mês depois, para 150 gr, mantendo-se tal quantitativo, daí em diante, até à época da grande meladura. Schofield, por seu turno, declara que na última semana de Março, no sul da Inglaterra e, ao norte deste país, na segunda ou terceira semanas de Abril, o estímulo primaveril deve ser iniciado, conservando-se até aparecerem as flores temporãs e providas de nectar, susceptíveis de tomarem o lugar da alimentação artificial, excepto se se verificar, por uma inspecção ocasional, que as abelhas estão a armazenar o xarope nos favos; nesta hipótese o fornecimento deverá ser cortado imediatamente.

No Outono, quando se visa estimular as abelhas a procrear, muitos aconselham alimentá-las intensivamente durante um período de duas a três semanas, mas é erro nefasto; em contra-partida, se o apicultor, depois de haver cessado o fluxo de nectar, lhes subministrar apenas uma pequenissima dose de provisões, durante alguns dias, o enxame permanecerá bastante forte até meados de Setembro, altura a partir da qual se prepara para a hibernagem.

Root, enfim, diz que, outrora, o estímulo da postura se fazia tão depressa assentava o tempo quente, mas, nos últimos anos, os melhores apicultores têm orientado esta prática no sentido duma regular alimentação no Outono, mantida durante o Inverno e a Primavera, até chegar o fluxo de nectar, por meio duma «câmara de alimentação» ou seja dum melário equipado com provisões naturais.

Em resumo: a escola clássica subministra a alimentação estimulante durante o período dum mês, mês e meio ou, no máximo, uns dois meses; a escola moderna, porém alonga-o muito mais ainda, visto manter o aprovisionamento, sob uma forma ininterrupta, desde o Outono anterior até à Primavera seguinte, o que equivale, como é óbvio, a cerca de seis meses, pelo menos.

§ 2.º — Alimentação de aprovisionamento, rápida ou a curto prazo — Segundo

Zappi-Recordati, algum tempo depois da supressão das alças é oportuno visitar de novo as colmeias para avaliar das suas reservas alimentícias, completando-as se elas forem julgadas insuficientes para ocorrer às necessidades normais do Inverno.

C. P. Dadant e Beldame, no entanto, são mais precisos; diz o primeiro que se as abelhas estiverem com escassez de viveres devem ser aprovisionadas em Outubro e afirma o segundo que, para revitalizar as colónias com poucas reservas, estas devem ser alimentadas na primeira quinzena de Setembro.

Malagola, reportando-se ao norte de Itália, declara que não convém demorar o aprovisionamento além da primeira metade de Outubro, no caso de se querer uma razoável operculação ou, pelo menos uma certa concentração do líquido; na opinião do mesmo autor pode-se fornecer ainda mais tarde o alimento completo, mas este fica a descoberto e, sendo mel, devido à sua higroscopicidade, é fácil vir a alterar-se com a humidade do ambiente hibernal.

Schofield, por sua vez, diz que na Estação Experimental de Rothamsted os melhores resultados são obtidos alimentando as abelhas, desde meados até ao último de Setembro, mas nota que Rothamsted não é um distrito de urze; a restrição da ninhada, nestas condições, torna-se aconselhável, em seu critério, sempre que o enxame seja forte.

Em função das transcrições efectuadas fica aproximadamente definido o momento em que deve começar a dar-se o aprovisionamento outonal; resta determinar o momento mais conveniente para o fecho da operação.

Ora, segundo Lemaire, o xarope terá de ser dado o mais rapidamente possível ou seja em 2 ou 3 vezes apenas, para que as abelhas operculem os favos antes que o tempo frio impossibilite a operação.

Malagola confirma este critério e dá-lhe mesmo novas justificações ao afirmar que é necessário completar a alimentação em duas voltas do sol (48 horas), no máximo, para deixar depressa tranquila a colónia visada, se não se quiser provocar nela deposições de ovos fora

(Conclui na pág. 391)

A importância do sulfonitrato de amónio em VIVEIROS DE ARROZ

Por JOSÉ FARINHA
Regente Agrícola

POSTO que já na primeira quinzena de Março se tenha procedido à instalação de alguns viveiros de arroz, é na segunda parte do referido mês, e ainda por grande parte de Abril, que se verifica a maior actividade neste sector orizícola. Acontece, porém, que no ano em curso, e por efeito das deficientes condições climáticas, muita chuva e baixas temperaturas, de um modo geral a instalação dos viveiros, está relativamente atrasada, atraso que se reflecte no desenvolvimento vegetativo das plantas. Assim, os viveiros mais temporãos só agora começam a «verdejar», quando relativamente a muitos deles, seria normal neste período do ano, taparem já de verdura todo o terreno dos canteiros.

Por efeito das razões atrás apontadas, não só os viveiros, mas de um modo geral todos os trabalhos orizícolas, particularmente aqueles que nesta quadra do ano deviam estar concluídos ou prestes a isso, como as lavouras dos terrenos, a armação de lavras destinadas à sementeira directa, etc., apresentam-se também bastante atrasadas relativamente ao que é normal nesta data. Mas de um ou outro modo, à data em que procedemos à feitura destas breves e despretenciosas notas, o proprietário orizícola começa já a preocupar-se com a fertilização imediata dos viveiros, que é, diga-se já, a quando convenientemente conduzida, factor de capital importância para o rápido desenvolvimento vegetativo das pequenas plantas

enviveiradas. Por esta razão, pode dizer-se que, tão rápido quanto possível, ou, melhor dizendo, tão rápido quanto as pequenas plantas o permitam, dá-se início à fertilização azotada, elemento preponderante para um viveiro de arroz.

Neste capítulo estamos mesmo em dizer que, sem conveniente adubação azotada, não há viveiro que valha. As plantas não crescem ou desenvolvem-se mal, o tom verde escuro carregado tão característico a quando do seu bom aspecto vegetativo, e que o bom orizicultor tanto aprecia, pois ele representa para além do mais, sintoma de perfeita sanidade vegetal das pequenas plantas — isto para além da excepcional importância técnico-económica de que se reveste este aspecto da questão. Ainda que não venha muito a propósito, desejamos acrescentar que, do que mais interessa ao orizicultor, depois de conveniente nascença da semente, é o rápido crescimento das pequenas plantas, de modo a que se torne possível a transplantação ainda no final de Abril, ou logo nos primeiros dias de Maio. Este aspecto da presente questão, posto que tenha sempre muito interesse, duplica ainda de valor, quando são grandes as extensões a plantar. Logo, portanto, interessa criar um meio ambiente rico sob o ponto de vista alimentar de modo a que as plantas tenham à mão — passe a expressão — aquilo de que mais carecem nesta primeira fase da sua vida, que é o azoto.

Depois destas considerações de ordem geral, vejamos quais os fertilizantes azotados mais indicados para os viveiros, como e quando aplicá-los, por forma a poder atingir-se o objectivo em vista e já atrás assinalado — que é, repetimos, o rápido crescimento das pequenas plantas.

Do grupo de fertilizantes azotados de que a lavoura dispõe, dois deles têm excepcional interesse para o fim em vista, são o *sulfato de amónio* e o *sulfonitrato de amónio*. O primeiro, foi durante muitos anos o fertilizante típico desta seara, quer dizer, não só dos viveiros, mas, também, da seara instalada já no local definitivo, quer se tratasse de sementeira directa ou plantação.

Também o nitrato de amónio, à falta de outro tipo de azotado, chegou a ter bastante aplicação nos viveiros, contudo, presentemente, está praticamente posto de parte. Posto que tenha sido, portanto, o sulfato de amónio, digamos assim, o pioneiro nas adubações azotadas dos viveiros, particularidade que ainda se mantém e vem desde há cerca de 28 anos — presentemente existe no mercado um outro tipo de adubo azotado — o sulfonitrato de amónio — que até há pouco apenas existia de importação, mas que graças à evolução da nossa indústria da especialidade, também, já se fabrica em

Portugal. Este tipo de adubo, dadas as suas características reúne, em nosso modesto entender, apreciáveis vantagens para o fim em vista, sobre o sulfato de amónio, uma vez que possui os dois tipos de azoto, o nítrico e amoniacal, a que correspondem 6 0/0 do primeiro e cerca de 20 0/0 do segundo.

É quanto a nós o adubo azotado ideal para o arroz, e, ao escrevermos assim, queremos exactamente dizer, que não é só para os viveiros, mas, também, para a seara definitiva. A faculdade de possuir as duas formas de azoto, oferece a dupla vantagem de, pouco tempo depois de se fazer o seu espalhamento pelo terreno do viveiro, a forma nítrica entrar em período relativamente curto, em assimilação pelas plantas, o que tem nitido interesse económico. Deste modo as plantas recebem duplo benefício, porque já nitidamente melhoradas pela antecipação de forma nítrica, quando a amoniacal entra em acção, não se observa por assim dizer, qualquer tipo de transição ou reacção, mas tão somente a continuação do belo aspecto vegetativo já antes observado.

Veremos no próximo número quantas adubações devem fazer-se quando e como deve aplicar-se, e quantidades deste tipo de fertilizante a empregar em cada cobertura.

Propaganda inteligente

Pessoa amiga manda-nos a fotografia que ilustra esta nota.

Em pequena cidadezinha francesa situada em zona de vinhos de renome, até os jardins públicos são aproveitados para propaganda.

«Beba vinho e viva feliz» poderia também ser motivo decorativo de jardins das nossas cidades e vilas em regiões afamadas pela excelência dos seus vinhos.



A FEIRA DE PONTE

Pelo CONDE D'AURORA

A feira, elemento económico, social, gregário, da mais alta importância na vivência dos povos, esta a acabar.

Viveu, prosperou, floriu, afrutou, resplandeceu e expandiu — dezanove séculos, como a feira quinzenal de Ponte do Lima.

Mas tem seus dias contados.

Feira quinzenal — às segundas alternadas, que às outras chama-lhes o povo solteiras.

Dia santo cívico, guardado por todo o termo do concelho — a segunda da feira de Ponte, caramba!

Desenrola-se, o espectáculo de teatralidade e movimentação únicas no mundo, nas duas bandas do extenso areal, de cada lado da velha ponte de trezentos.

Da parte Nordeste é a Feira do gado, filas e filas de lindas juntas de bois barroços (a sub-raça vianeza), piscos chamados no linguajar local, e mais seu gado galego à mistura.

Ao fundo, isoladas, no meio do areal, as vacas «cabreiras», de chifres enfeitados a flores e seu saquitel de arruda, sal e outras mezinhas sobre a testa, por causa das «invejaçidades»...

Centenas de cabeças de grande cornadura em lira, seu focinho negro, luzidio. É o capital do laboura, o gadinho...

Uma única tenda, desta banda do areal: a do vendedor de tiras de pele de vitela, erguidas em grandes varas, caindo até ao chão, como gigantes uveiras de quatro e cinco côvados de alto...

O sino de Santo-António-da-Torre-Velha toca a espaços um repique — sinal de gratidão por feliz venda de uma junta.

Cá em cima, junto à Ponte, frente à «Petiscos» (tanto ela como a vizinha «Zêfinha do Rei» e os trinta mais tascos da Vila: do Gaspar no Arrabalde, à Clara Penha, ao Pinheiro; do Encanado, da Praça; ao Gaio do Chafariz; do Bolas, de Dentro da Vila; ao Catrina, do Passeio) — estadeia-se a tenda das cordas e a das chancas.

Ao lado, um aldrabão de feira atrai a multidão vendendo canetas e tezouras de podar à custa de muito suor e muita história e picardia.

A velha ponte é um mar de gente, que chega, desde as 9 às 11 — e se vai, das 11 às 2 e 3 da tarde...

E Elas, todas, trazem à cabeça seu açafate coberto de linda toalha bordada, com seus puchados e lavores no maravilhoso linho caseiro.

Todas trazem à feira o seu funeralzinho.

Da boca da ponte espraia-se a vista sobre a feira da banda do Sul-Poente — ruas e ruas de mulheres acoradas, cesto ao lado (o cesto fundeiro de quatro alqueires) — e ruas e ruas de barracas de pau e lona. Quase todas as tendas são de fazendas — e como tudo está pendurado à vista, a policromia é esfuziante.

Mais ao Poente, estendem-se pelo areal, sem barracas nem toldo, as mulheres da loiça de Prado e de Barcelos — e ao final, os carros de bácoros de pele rózea que a luz do sol ainda não tostou — a grunhir sob o toldo de pano grosso do carro de bois caseiro que os trouxe ao mercado.

Voltamos ao Passeio, e, frente à velha torre da Cadeia (de cujos janelões medievos os presos pescam a esmola em quatro ou cinco saquinhos cada, pendurados em guitas...) — está o homem dos varapaus: lodões e marmeleiros.

Mais adiante, junto ao mercado, é a feira dos rodeiros de carros de bois, e os rastos, meias luas e altos pregos de vestir — tudo imitando carros de guerra sabinos — e a monumental balança.

Mas já deixamos para trás a mais graciosa e romântica tenda de toda a feira de Ponte: a da enfiadeira de contas.

Sentada frente a um pequeno tabuleiro recoberto de alva toalha de linho, suas meadas de lã de côr à mão, ela passa a manhã a enfiar as contas de oiro de todas as raparigas que comprem, trocam ou aumentam a sua volta — a volta de contas buriladas, caneladas, arrendadas — sempre de puro oiro de lei.

E os comércios da Vila venderam ao dia de feira vinte vezes mais que nos outros treze dias em que estiveram estagnados à espera do «lá vem um!».

Ao fundo, o Lima, calmo e brando, azul e cristal, corre de mansinho — e os grandes barcos negros, atracados à areia, embarcam mercadorias, pessoas e semoventes...

*

P. S. — Informa-me a Escola Agrícola de Santo Tirso que desde a reforma de 1957 passou a diplomar Agentes Rurais, que na maioria se vêm colocando nos Organismos Económicos ou Corporativos e outros no Ultramar.

Gostosamente deixo exarada a notícia — fazendo votos por que se multipliquem tão necessários auxiliares.

C. d'A.

Principais leis referentes à Reforma Fundiária Italiana

Por
ALBERTO JOSÉ LAGO DE FREITAS
Eng. Agrônomo

A Reforma Agrária Italiana irradia a sua acção sobre mais de um quarto da superfície do território nacional, o que dá bem a ideia do significado da sua intervenção; esta concretizou-se em realizações de toda a ordem, transformando métodos, hábitos e mentalidades, alterando os princípios secularmente estabelecidos, colonizando, no mais lato e honroso significado do termo.

Constituiu objectivo da Reforma acabar com a excessiva concentração da propriedade rústica, — o que, especialmente no Sul do País, tinha contribuído, fortemente, para o baixo nível de vida, — atenuar ou mesmo eliminar os fenómenos da sub-ocupação ou desocupação periódica, facilitar a formação da pequena propriedade rural cultivada directamente e, por fim, criar uma classe rural elevada socialmente e feliz.

Para conseguir tão ambiciosos propósitos, teve de apoiar-se em princípios legislativos apropriados.

A Reforma Agrária italiana foi regulada pela lei n.º 230, de 12 de Maio de 1950, conhecida pelo nome de «Lei Sila», e pela lei n.º 841, de 21 de Outubro de 1950, apelidada «Lei Stralcio».

A primeira dizia respeito a uma zona restrita — a Sila —, na província da Calábria; nas suas linhas gerais serviu de base à elaboração do articulado da segunda lei, a qual estendeu a sua área de influência a algumas regiões especialmente escolhidas. Por decretos da Presidência da República foram criados os

9 «Comprensórios» (perímetros de colonização) seguintes: Delta Padano, Maremma, Fucino, Garigliano e Volturno, Sele, Apulo-Lucano, Sila, Sicília e Sardenha. Uma lei especial foi promulgada para a Sicília, por decisão do Governo daquela Região: a Lei n.º 104, de 27 de Dezembro de 1950.

Estes «Comprensórios» abrangem a superfície total de 8 141 657 ha.

Para cada um deles foi formada uma «Ente», isto é, um Organismo para estatal encarregado de realizar a Reforma.

Cada «Ente» tem um presidente, nomeado pelo Presidente da República, e um Conselho de 12 membros, 7 Técnicos e 5 representantes dos Ministérios das Finanças, Tesouro, Agricultura, Obras Públicas, Trabalho e Previdência. De acordo com uma lei recente (1957), o número dos membros foi elevado para 15, passando também a fazer parte do Conselho citado representantes dos colonos; além disto, as decisões deste órgão passaram a ter efeito executivo e não apenas consultivo.

Assim e em resumo:

Lei Sila, n.º 230, de 12 de Maio de 1950, aplicável na colonização do planalto da Sila e dos territórios jónicos limítrofes (Calábria);

Lei Stralcio, n.º 841, de 21 de Outubro de 1950, aplicável nas seguintes regiões: Delta Padano, Maremma, Fucino, Volturno, Garigliano, Sele, Apuliã, Lucânia, Molise e Sardenha;

Lei especial para a Sicília, n.º 104, de 27 de Dezembro de 1950, promulgada pelo Governo da Região Siciliana.

Os princípios essenciais das *Leis Sila e Stralcio* são os seguintes:

— Referência à data de 15 de Novembro de 1949, para o registo, em todo o



Ente Sila — Agrupamento de casas colónicas na zona de «Bocca de Piazza» no planalto da Sila

território nacional, das propriedades rústicas susceptíveis de expropriação;

— Ineficácia das cedências feitas, a título gratuito ou oneroso, respectivamente depois de 1 de Janeiro de 1948 e de 15 Novembro de 1949, salvo as excepções previstas, como dotes de casamento ou dádivas a organizações de beneficência, efectuadas até 15 de Novembro de 1949, e vendas que levassem à constituição da pequena propriedade rural, realizadas até 28 de Outubro de 1950;

— Necessidade de atender aos seguintes quesitos, no que diz respeito a expropriações:

— publicação prévia dos planos de expropriação no «Jornal Oficial»;

— consideração de reclamações apre-

sentadas, invocando erros materiais contra os citados planos;

— apresentação dos projectos definitivos de expropriação;

— revisão dos planos, reclamações e projectos definitivos por uma Comissão parlamentar, expressamente nomeada para o efeito;

— promulgação dos decretos presidenciais sancionando os projectos de expropriação, mediante prévia aprovação do Conselho de Ministros;

— determinação das indemnizações, com base nos valores colectáveis, tendo em atenção o critério do imposto progressivo sobre o património, e pagamento das mesmas em títulos do Estado, ao portador, rendendo juro de 5 0/0, remíveis em 25 anos e negociáveis.

Uma pequena parte poderá ser paga em numerário, quando os proprietários desejarem fazer obras de melhoramento;

— Transformação e melhoria dos terrenos expropriados, por parte das «Entes», devendo estas

realizar as obras indispensáveis antes da respectiva cedência aos colonos;

— Incumbência às «Entes» de promoverem obras de Bonifica, quando não existam ainda os Consórcios de proprietários;

— Concessão dos terrenos expropriados e transformados, ou em vias de transformação, aos trabalhadores rurais;

— Determinação do preço de venda dos terrenos transformados e entregues, o qual não pode ser superior a 2/3 da soma do custo das obras de transformação (depois de deduzida a contribuição estatal) com a indemnização de expropriação, e amortização de tal valor em 30 anuidades, calculadas à taxa de juro de 3,5 0/0. As duas primeiras anuidades não vencem juro;

— Manutenção de assistência técnica, económica e financeira, a favor dos colonos;

— Constituição de cooperativas com a duração mínima de 20 anos, às quais virão a competir todas as tarefas de assistência;

— Possibilidade, conferida às «Entes», de proceder à aquisição e troca de terrenos, sempre com o objectivo de proporcionar aos colonos melhores condições de vida e garantir aos expropriados a posse de explorações autónomas.

Constituem normas especiais da Lei Sila:

— A atribuição à «Ente» Sila da faculdade de determinar as parcelas a expropriar;

— A submissão à Lei, das empresas com mais de 300 ha e a expropriação dos terrenos susceptíveis de transformação, possuídos na Sila, excedendo tal limite e, preferentemente, para cima dos 1000 ha.

Correspondem, por seu lado, a cláusulas particulares da Lei Stralcio:

— A determinação, por parte do Governo, dos territórios susceptíveis de transformação;

— A expropriação, em percentagem variáveis segundo o rendimento, dos terrenos possuídos, excedendo 30 000 £ (= 1500\$00) de rendimento colectável;

— O cálculo dos coeficientes, segundo percentagens crescentes por escalões de rendimento global, mas variáveis, no âmbito de cada escalão, em função do rendimento médio, por forma a garantir percentagens mais baixas, onde os terrenos estejam melhor trabalhados e produtivos (alto rendimento médio) e mais altas, no caso contrário (baixo rendimento médio).

Como consequência, o limite de 30 000 £ desce para 20 000 £ no caso do rendimento unitário ser inferior a 100 £, ou ainda para 10 000 £ ou mesmo 1 £, quando, em presença de tal rendimento médio, o rendimento total supere, respectivamente, as 60 000 £ ou as 100 000 £, isto é, apresente características latifundiárias. Em contrapartida, sobe a 60 000 ou mesmo a



Ente Sila—Vista parcial da zona de «Bonnace» na «Isola Capo Rizzuto»

100 000 liras, nos casos em que o rendimento médio unitário seja superior a 500 ou 600 £, isto é, quando as propriedades se apresentem intensamente cultivadas.

No quadro adiante apresentado, indicam-se os referidos coeficientes.

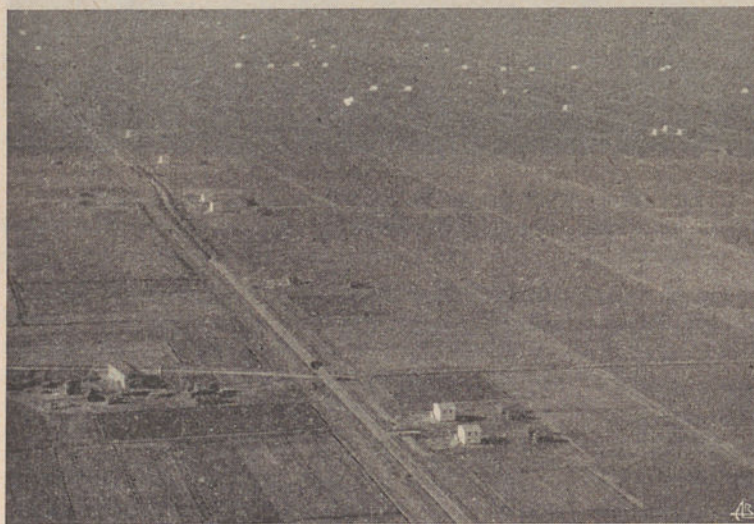
— A não inclusão, na área expropriada, de terrenos fazendo parte de propriedades — modelo («aziende-modello»), unidades altamente eficientes, de propriedades com finalidades exclusivamente zootécnicas e de bosques, exceptuando os de planura ou os indispensáveis à consolidação dos casais.

Os terrenos explorados por forma intensiva, não são sujeitos a expropriação, desde que formem explorações organiza-

Escala de rendimento total	Rendimento médio por hectare (liras)									
	Acima de 1000	900	800	700	600	500	400	300	200	Abaixo de 100
Até 30 000 £	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
De 30 000 a 60 000 £	—	—	—	—	—	0	15	30	55	70
De 60 000 a 100 000 £	—	—	—	—	0	10	30	60	70	85
De 100 000 a 200 000 £	35	40	47	55	60	65	70	75	84	90
De 200 000 a 300 000 £	45	50	55	60	65	70	75	80	87	95
De 300 000 a 400 000 £	52	57	60	65	70	75	80	85	90	95
De 400 000 a 500 000 £	60	64	66	71	76	80	85	90	95	95
De 500 000 a 600 000 £	64	70	76	78	80	85	90	95	95	95
De 600 000 a 700 000 £	68	74	79	82	85	90	95	95	95	95
De 700 000 a 800 000 £	72	78	82	85	90	95	95	95	95	95
De 800 000 a 900 000 £	76	82	86	90	93	95	95	95	95	95
De 900 000 a 1 000 000 £	82	86	90	93	95	95	95	95	95	95
De 1 000 000 a 1 200 000 £	90	92	95	95	95	95	95	95	95	95
Acima de 1 200 000 £	95	95	95	95	95	95	95	95	95	95

das e eficientes, conduzidas em forma associativa com os trabalhadores e providas de meios modernos de exploração, quando satisfaçam as seguintes condições:

— a produção média unitária das prin-



Ente Maremma—Vista de conjunto das zonas de «Marsiliana» e «Polverosa» (Centro de Colonização de «Orbetello»)

cipais culturas, calculada com base no último quinquênio, deve ser superior, pelo menos em 40%, à média das produções da zona;

— a absorção de trabalho, fixo ou adventício, não deve ser inferior a 0,3 unidades de trabalho por hectare;

— as condições económicas e sociais dos trabalhadores que vivam na propriedade, deverão ser nitidamente superiores às médias da zona, tendo em especial atenção a continuidade de trabalho e a participação dos trabalhadores nos resultados da produção;

— algumas parcelas de terreno deverão ser directamente usufruídas pelos trabalhadores, e as respectivas casas deverão satisfazer as necessárias condições de habitabilidade.

O proprietário que tiver mais do que uma propriedade nas condições indicadas, tem o direito de escolher aquela com que prefere ficar; as outras serão expropriadas e destinadas a ser fruídas em forma associativa.

— A instituição do «Terço-Resíduo», ou seja, a possibilidade, concedida ao proprietário expropriado, de conservar definitivamente uma parte dos

(Conclui na pág. 388)

A floresta na economia da Lavoura

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS
Eng. Silvicultor

É princípio assente, e as opiniões de todos os nossos técnicos silvícolas são unânimes em o demonstrar, que a floresta constitui um dos sectores basilares da lavoura portuguesa.

Parte considerável do território continental encontra-se já entregue à cultura florestal, e muitos e grandes tratos de terreno há ainda, quer no Norte, quer sobretudo no Sul, que devem ser igualmente florestados, a bem da lavoura e da economia geral do País.

De facto, muitos lavradores teimam ainda agarrados, rotineiramente e por tradição, à cultura de cereais em terrenos magros e delgados, ou em solos de encosta, muito erosionáveis e até já em acentuado estado de erosão, em nítido prejuízo das suas economias privadas e perigosamente em manifesta degradação dessas terras que são um bem nacional. Não é viável nestes casos fazer agricultura rendosa, nem tão pouco é possível orientar a cultura cerealífera, por forma a cobrir, ou até mesmo a igualar, os gastos gerais da sua exploração. Nestas condições e com estas culturas os resultados das explorações agrícolas têm-se cifrado, e o mal continuará a agravar-se, grandemente, em prejuízo dos seus empresários.

O pior de tal situação, porém, está no facto de a cultura cerealífera acarretar a degradação destes terrenos, já de si maus e pobres, com a consequente acentuação da sua pobreza, agravada ainda pela erosão, que adelgaçando a camada arável e provocando ravinas, dá

lugar a solos esqueléticos e ao assoreamento dos cursos de água.

Menos exigentes que as culturas agrícolas, as culturas florestais são económica e tecnicamente viáveis nestes terrenos, susceptíveis, portanto, de proporcionar lucros e criar riqueza, onde a agricultura inglòriamente só tem buscado prejuízos e cavado pobreza e ruína.

Até que todos estes terrenos estejam devidamente povoados com culturas florestais, não está completa a missão dos engenheiros silvicultores portugueses, no que respeita à utilização progressiva e conservação do solo nacional, nem será devida e totalmente explorada a floresta, muito embora já constitua uma das nossas maiores fontes de receita.

Portugal, sendo um país agrícola, é essencialmente um país florestal.

Muito se tem feito entre nós, e nunca é demais acentuá-lo, louvando a acção exercida pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, em matéria de florestação, tanto no que se refere a terrenos públicos de serras e de dunas, directamente explorados pelo Estado, como no que respeita aos terrenos pertença do domínio privado.

Por falta de recursos materiais e técnicos ainda estamos longe de nos podermos afirmar como um país florestal progressivo, e daí, mau grado nosso, não termos ainda na floresta a fonte de receita que ela é capaz de poder vir a constituir.

A cultura florestal, mais do que qual-

quer outra, requiere empates de capital a prazos longos e, por vezes, os proprietários das terras não estão em condições de os suportar. Por outro lado, porque só ao fim de períodos mais ou menos longos, variáveis com as espécies e com os terrenos, os povoamentos florestais proporcionam rendimento aos seus proprietários, alguns destes erradamente, ou por possuírem pouca terra, teimam em fazer culturas agrícolas, na esperança baldada de anualmente colherem também alguns proventos.

Porém, não são só as faltas de capital com que lutam muitos dos proprietários rurais, nem a necessidade premente que a maior parte deles tem de investir lucrativamente, a prazos curtos de tempo, trabalho e dinheiro, que motivam o deficiente aproveitamento de vastas áreas de terrenos, ainda a «maninho», nos nossos dias, ou irregularmente povoados com espécies florestais, ou indevidamente entregues à cultura cerealífera, degradante do solo e ruína para a nossa economia.

Na falta de técnicos e de meios de trabalho e na anacrónica estrutura agrária do País, estão as causas principais do atraso florestal em que nos encontramos.

Não sei bem, de momento, quantos engenheiros silvicultores há presentemente em Portugal. Mas sei que são poucos, e sei também que para em país de aptidão essencialmente florestal, como é o nosso, e ainda com todas as suas províncias ultramarinas, onde a floresta também conta e pesa grandemente nas suas economias, não há um estabelecimento de ensino superior, devidamente localizado, e com condições, em exclusivo destinado à formação e treino de técnicos florestais.

O curso de Engenheiro Silvicultor continua a processar-se em Lisboa, no Instituto Superior de Agronomia, em conjunto com o Curso de Engenheiro Agrónomo. Nestas condições, por carência de ensino e sem ambiente próprio, não é possível aumentar a frequência do curso, nem dar preparação universitária condigna aos seus frequentadores.

A silvicultura e a tecnologia florestal exigem hoje muitos técnicos, e muitos mais virão a ser exigidos com o pro-

gresso destas actividades, mas o Instituto Superior de Agronomia, nas condições em que presentemente funciona, não está à altura de preparar devidamente diplomados em número suficiente.

A criação de uma escola superior florestal desde há muito que se impõe, como forma de fazer face às necessidades crescentes do País em engenheiros silvicultores.

Os meios de trabalho de que dispõem presentemente os nossos técnicos, também não permitem que a investigação e experimentação florestal se desempenhem cabalmente das suas funções, por forma a poderem dar apoio capaz e eficiente à florestação, condução e exploração dos povoamentos e utilização dos materiais lenhosos.

Com tão pequeno número de técnicos e com tão poucas condições de trabalho, quase não se compreende como foi possível realizar todo o trabalho de povoamento florestal que se tem vindo a empreender.

Na propriedade privada, nem sempre os terrenos florestais são devidamente apropriados, nem os povoamentos tecnicamente bem conduzidos. Estes factos devem-se à falta de assistência técnica e no Norte, sobretudo, radicam também em grande parte na excessiva fragmentação da propriedade.

Como via de regra, a propriedade florestal, para que se possa tratar devidamente, como forma de a levar a produzir quantidades aceitáveis de material lenhoso, deve ter maior superfície do que a tida como razoável para as terras entregues à cultura arvensa. Nos montes, tal como na agricultura, também se torna preciso proceder a operações de emparcelamento, com vistas a obterem-se maiores áreas que permitam trabalhar em melhores condições, e em certos casos até a sua exploração, que na situação actual é, por vezes, aleatória.

É frequente depararmos com estreitas leiras de monte, principalmente no Minho e na Beira Litoral, cheias de arvoredo, já no termo da sua explorabilidade, isto é, na idade em que as árvores devem ser cortadas, por o seu rendimento ser o pretendido, ao lado de outras completamente despidas, ou com povoamentos

de pinheiros ou eucaliptos, dominados e enfezados por falta de luz. Por vezes estas leiras são tão estreitas, que se torna impossível fazer cortes, quando as dimensões das árvores são consideráveis, sem que seja para a leira do vizinho, o que não raro dá lugar a querelas e desentendimentos.

Os proprietários, por sua vez, na ânsia de explorarem integralmente todo o seu terreno esmeram-se nas plantações e sementeiras junto às linhas de extrema, o que leva a densidades exageradas de povoamento, de um e outro lado, trazendo como consequência o atrofiamento das plantas e um fim inverso do pretendido. Neste particular encontram-se a cada passo, verdadeiras caricaturas da nossa actual estrutura agrária, leiras totalmente despovoadas, apenas com uma linha de árvores junto das extremas.

São frequentes no Norte parcelas de terreno florestal, pertença do domínio privado, totalmente despovoadas, ou só parcialmente ocupadas com algumas árvores, falhas de vigor e, portanto, sem futuro. Com frequência se encontram também outras com arvoredos velhos, já no termo da sua explorabilidade, por vezes em mau estado de sanidade.

Facto curioso está em que estas parcelas são geralmente indicativo do estado financeiro ou de mentalidade dos seus proprietários!

De um modo geral, o arvoredos velhos é pertença de casas abastadas, sem problemas financeiros, portanto, ou de indivíduos que, embora com necessidades, guardam avaramente as suas árvores à espera de «piores dias», ou se privam de as cortar e vender com receio infundado de serem objecto de críticas depreciativas, contrárias aos seus créditos.

O caso oposto das parcelas despovoadas, ou irregularmente povoadas com árvores enfraquecidas, diz respeito a proprietários economicamente débeis, que se viram forçados a fazer cortes «antes do tempo» e que, para realizar «maiores apuros», ou fizeram cortes rasos ou indevidamente cortaram as árvores dominantes, por serem mais pesadas, e deixaram as dominadas, na inconsciente suposição de que tiradas aquelas, estas se iriam desenvolver em boas condições.

A uns e outros há que frisar que estão em erro, e que se uns perdem por não cortar, os outros perdem também por fazerem cortes indevidos.

O monte em caso algum é «mealheiro», pelo que não deve ser encarado como depositário de capital, como forma de evitar o risco de vir a possuir capitais que já não são rentáveis, ou pior ainda que se desvalorizam. Também de forma alguma o monte deve ser tido como «banco», encarando-o e tratando-o como vulgar fonte de crédito, onde nas alturas de falta se vão realizar os dinheiros de que se precisa.

Os povoamentos florestais constituem um capital que se valoriza constantemente por aposições anuais de novas massas de material lenhoso. Acontece, porém, que estes acréscimos não são iguais ao longo de toda a vida das árvores, aumentando primeiro em escala crescente, para passados alguns anos, mais ou menos, conforme as espécies, começarem a diminuir.

Da análise matemática destes acréscimos, resultou a fixação de vários termos de explorabilidade, isto é, das idades em que as árvores devem ser cortadas, as quais variam com as espécies, a forma de exploração, o clima, os solos e as utilizações a dar à madeira.

Para os particulares, pelo menos para os pequenos e médios proprietários do Norte do País, a explorabilidade a adoptar deve ser a financeira, efectuando-se os cortes na altura que marca o fim do período de maiores crescimentos e, por conseguinte, de maiores juros do capital lenhoso.

Podem outros técnicos discordar desta minha opinião, por ser contrária à criação de árvores de grandes dimensões, capazes de fornecer boas peças de madeira. Mas, porque também sou lavrador e vivo só da lavoura, acho que não estamos em condições de suportar tal encargo.

Se a madeira no termo da explorabilidade financeira tem procura e é bem paga, prestando-se bem para a indústria, defendendo o princípio de que deve ser cortada nesta altura, mas nunca antes. Podem os proprietários que o preferirem, e se estiverem em condições disso, demorar

(Conclui na pág. 398)

CAÇA E PESCA

Para quando o Rio Minho?

por ALMEIDA COQUET

II

SOB o título acima publiquei nesta revista, no primeiro número deste ano, um artigo abordando o caso borolento do Rio Minho; borolento e sedição, visto que os dias se seguem aos dias, os meses aos meses, e os anos aos anos, sem termos um sinal — por leve que seja — revelando-nos um indício de que se vai resolver o assunto; de que iremos, enfim, abandonar a situação estática em que nos encontramos. Porque dinamismo, só o vemos nas águas daquele desgraçado rio, que continua a correr sempre, sempre para o mar, chamando a si os filhos que lá nasceram — sáveis, salmões, trutas mariscas e lampreias — para que voltem a procriar, sempre e sempre, num encadeamento de ciclos talvez eterno!

É que nesta sapientíssima organização da Natureza — a que só a mão de Deus pode ter dado a forma extraordinária de maravilhas sem fim que nos é dado observar — só um ser, O HOMEM, que tanto se vangloria da sua massa cinzenta dentro da caixa craniana, é que, por vezes, teima incompreensivelmente em querer ser cego. E não há pior cego que aquele que não quer ver!

Por isso teremos de persistir na nossa campanha, mostrando a clara necessidade de um entendimento com Espanha, concertando as condições em que ambos os lados produzirão o seu melhor esforço, para que se não venha a extinguir essa fonte extraordinária de riqueza que se chama Rio Minho.

Mas voltemos ao princípio.

Não julguei então, ao publicar o meu

artigo sobre o Minho, que pudesse com ele chamar a atenção de quem quer que fosse, tal é, por vezes, o desalento que nos invade — a mim, e a tantos outros que combatemos nesta trincheira.

Mas enganei-me, pois o meu fraco clamor encontrou eco, não em Portugal, mas em Espanha.

Primeiramente, uma carta do distinto clínico viguense, Dr. Ruiz Martinez, que tão porfiadamente e há bastantes anos vem defendendo a riqueza haliêutica da Galiza, e em especial a recuperação do Rio Minho.

Em seguida, sob o seu *non de plume* «Esguin», um artigo no FARO DE VIGO de 22 de Março último, referindo-se largamente ao meu artigo, e dizendo:

«Las páginas de FARO DE VIGO han acogido, con insistencia, año tras año, a partir de 1950, artículos en que se señalaba la necesidad imperiosa de poner remedio a un estado de cosas que iba labrando inexorablemente la decadencia de un río con aprovechamientos mutuos hispano-portugueses, sin los recursos con que mundialmente se cuenta para poner remedio a este estado de falta de protección de las especies, que anualmente el pródigo Atlántico envía a través de este cauce fluvial, tan maravillosamente dotado pela Naturaleza para lograr unos aprovechamientos piscícolas de gran rendimiento y que tanto benefician a los pueblos limítrofes con el área de dispersion de esas especies migratorias tan aprovechables como fuente de aporte proteínico, en el orden alimenticio, hasta el punto de que en otros tiempos constituía la base del bienestar de aquellos que se dedicaban a beneficiarse de las capturas en la época de la arribazón.

Estudios convenientes, realizados por técnicos en la materia, y puestos de manifiesto em publicaciones, conferencias y asambleas internaciona-

les, han dado la clave de la situación precaria actual en que se encuentra el rio, y cuál es su remedio.

Una vez más en el país hermano se alza la voz, que llama la atención acerca de la necesidad de establecer un mutuo acuerdo para remediar el mal.

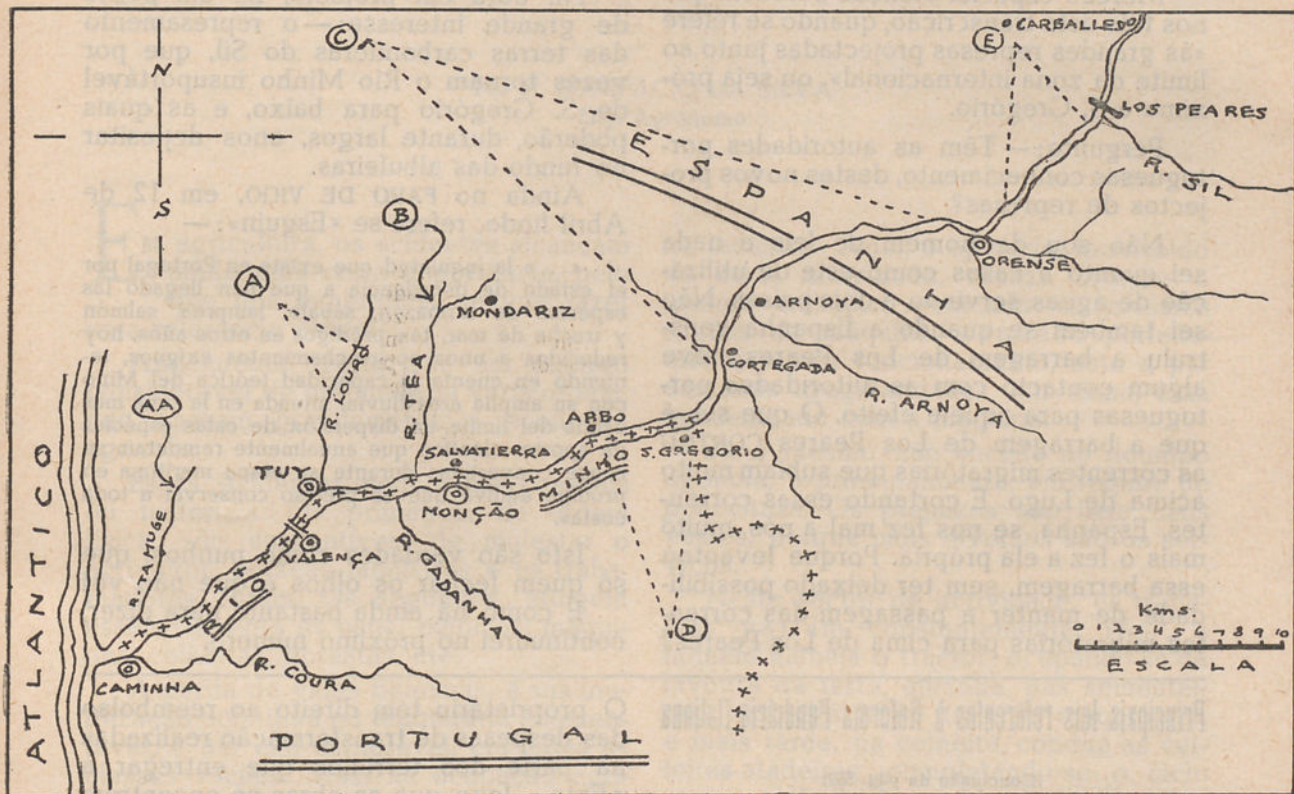
Acojamos, pues, con atención, las apelaciones

— Palavras! Palavras! dirá o meu carceleiro...

Sim, palavras, mas claras e certas, de que necessitamos nesta nova tentativa para ver se acordamos os que por cá dormem paxorrentamente em cima de assuntos que são uma «maçada»...

Mas vamos adiante.

Também no FARO DE VIGO de 5 de



Esquema da bacia hidrográfica do Rio Minho da foz até Los Peares, segundo um mapa da Federação Provincial de Pesca, Vigo-Pontevedra, cedido obsequiosamente, no qual vêm indicados os desovadouros, que em 1951 existiam ou se supunha poderem existir, a saber: — AA, lampreia e truta de mar; A, truta de mar; B, truta de mar; C, truta de mar, salmão, lampreia e sável; D, sável, lampreia e salmão; E, truta de mar, salmão, lampreia e sável. Com o corte do rio em Los Peares, perdeu-se inteiramente a possibilidade de desova do salmão na parte alta do Minho

de los interesados en esta cuestión, procedentes de la región vecina, y signifiquemos cerca de nuestros Servicios Nacionales de Pesca Fluvial la necesidad de la reforma del Reglamento actual que rige los aprovechamientos piscícolas del Miño, abogando por la creación, lo antes posible, de una estación hidrobiológica, con personal mixto hispano-portugués, que haga un estudio de la arribazón de las especies, lugares de freza y causas que contribuyen a la decadencia actual del rio. Y póngase pronto remedio a la situación crítica en que se encuentra este asunto».

Março passado, num artigo sobre PESCA FLUVIAL, IMPORTANTE FACTOR DE ATRACÇÃO TURÍSTICA, encontrei largas referências ao Rio Minho. E encontrei a notícia que passo a transcrever:

«En el Miño, al realizarse las obras previstas para instalar las grandes presas proyectadas a nivel del limite de la zona Internacional, se logrará un caudal regulado y libre de arrastres carboníferos, por el efecto decantador de las referidas presas.

Procederá por lo tanto, de acuerdo con Portugal, que acaba de aprobar la nueva ley de pesca fluvial, a ordenar el tramo que va de Friêira-Casaes hasta la desembocadura del Miño, em beneficio de la pesca profesional en la zona del Bajo Miño y de la deportiva que pueda lograrse a base del incremento y cultura de la trucha de mar, poniendo lo antes posible en produccion la estacion que está prevista para el Tea en Pardellas, en unión de loque puedan hacer nuestros vecinos em la Piscifactoria de Monção».

Merece especial atencão a noticia que nos trás esta transcriçãõ, quando se refere «às grandes represas projectadas junto ao limite da zona internacional», ou seja próximo a S. Gregório.

Pergunto: — Têm as autoridades portuguesas conhecimento, destes novos projectos de represas?

Não sou de homem de leis e nada sei quanto a casos como este de utilizaçãõ de águas servindo a dois países. Não sei também se quando a Espanha construiu a barragem de Los Peares, teve algum contacto com as autoridades portuguesas para aquele efeito. O que sei, é que a barragem de Los Peares CORTOU as correntes migratórias que subiam muito acima de Lugo. E cortando essas correntes, Espanha, se nos fez mal a nós, muito mais o fez a ela própria. Porque levantou essa barragem, sem ter deixado possibilidade de manter a passagem das correntes migratórias para cima de Los Peares?

Principais leis referentes à Reforma Fundiária Italiana

(Conclusão da pág. 382)

terrenos sujeitos a expropriação (a sexta parte), desde que se comprometa a realizar a transformação fundiária indicada pelos serviços técnicos da «Ente», num terço da superfície expropriada.

Efectuada a transformação dos terrenos que constituem o «Terço-Residuo», o proprietário deverá entregar à «Ente» a metade dos mesmos, conservando em propriedade privada a outra metade. A área que pode ficar em poder do proprietário — em regra até 300 ha — pode ser levada à razão de 15% da inteira superfície por cada filho, além do terceiro, incluídos os filhos mortos com descendência, até ao máximo do terço transformado.

E que irá fazer agora próximo a S. Gregório? Não será ocasião de nos entendermos de verdade, para que se consiga uma *passagem* nas obras agora projectadas? Será muito difícil prever-se uma adaptação mista (talvez escada e elevador Borland) nas obras em projecto? E possível, também, uma adaptação em Los Peares?

Na obra em projecto, há um ponto de grande interesse: — o represamento das terras carboníferas do Sil, que por vezes tornam o Rio Minho insuportável de S. Gregório para baixo, e as quais poderão, durante largos, anos depositar no fundo das albufeiras.

Ainda no FARO DE VIGO, em 12 de Abril findo, refere-se «Esguin»: —

«... a la inquietud que existe en Portugal por el estado de decadencia a que han llegado las especies de arribazón, sábalo, lamprea, salmón y trucha de mar, tan pródigos en otros años, hoy reducidos a unos aprovechamientos exiguos, teniendo en cuenta la capacidad teórica del Miño con su amplia área fluvial situada en la zona más cálida del limite de dispersión de estas especies de aporte atlántico que anualmente remontan su cauce convertidas durante su etapa marítima en pródiga dádiva que es preciso conservar a toda costa».

Isto são verdades como punhos, que só quem fechar os olhos é que não vê!

E como há ainda bastante para dizer, continuarei no próximo número.

O proprietário tem direito ao reembolso das despesas de transformação realizadas na parte dos terrenos que entregar à «Ente», logo que as obras se encontrem concluídas. O proprietário que não efectuar os trabalhos no tempo concedido, ou que não cumpra o programa oficialmente estabelecido, será expropriado do «Terço-Residuo», sem o pagamento de qualquer indemnização. O proprietário tem o direito de escolher os trabalhadores que irão ocupar os terrenos por ele transformados, desde que os mesmos satisfaçam aos requisitos exigidos.

* * *

Estas são, resumidamente, as características mais salientes das leis cujo conhecimento é indispensável para se ficar sabendo como foi feita a Reforma Fundiária em Itália.

OS ACIDENTES EM AGRICULTURA

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Eng. Agrônomo

EM agricultura, os acidentes alcançam ainda uma certa importância, pelo que nos lembramos de lhes fazer uma referência especial.

Anualmente, verifica-se um número considerável de prejuízos de vária ordem, que oneram grandemente a economia agrícola.

Esses acidentes podem ser pessoais ou materiais. Os primeiros, de ordem física, são susceptíveis de molestar o agricultor, os seus familiares e os trabalhadores rurais. Os segundos, atingem essencialmente os bens: edifícios, máquinas, colheitas, florestas, etc.

A perda de vidas humanas, a sua inutilização definitiva ou temporária é lamentável, é um mal deplorável, em todas as classes sociais. Mas, na ocupação agrícola, onde há notável e crescente insuficiência de mão-de-obra, onde o êxodo rural atinge proporções alarmantes, é ainda mais grave. Esses homens assim constrangidos a deixarem o trabalho, dotados já de uma certa prática, só difficilmente serão substituídos com inteira satisfação, pois, como se sabe, é necessário um certo tempo para estarem aptos a manejarem perfeitamente as máquinas. O ritmo de trabalho é alterado, passa a oportunidade de certos serviços, por não haver quem substitua os homens atingidos pelo sinistro, surge talvez a desorganização.

Na exploração da terra, o problema apresenta-se pois, mais complexo do que

na indústria. Aqui, o operário, incumbido de certa actividade, realiza sempre o mesmo trabalho, comanda os mesmos órgãos da máquina, conhece perfeitamente o seu funcionamento, está a par das suas irregularidades, em suma, está familiarizado com a máquina.

Já o mesmo não sucede no domínio agrícola, e principalmente, em regime de policultura. Os prejuízos são bem mais vastos, porque mais diversos são os serviços.

Neste sector de actividade, os trabalhos variam constantemente. Hoje, o homem maneja o tractor, ocupando-se da lavoura da terra, amanhã, nas sementeiras, emprega novo tipo de maquinaria, e mais tarde, na colheita, conduz as ceifeiras-atadeiras, completando-se o ciclo com as debulhadoras. Na altura da vinha, por exemplo, emprega outro material, e nas adegas mecanizadas, durante o fabrico do vinho, a maquinaria é ainda mais diversa, e os perigos a que o homem está exposto, continuam a ser numerosos.

Portanto, parece não haver dúvida, que o trabalhador rural, vive sempre mais à beira do perigo do que o operário fabril, porque nunca chega a adquirir os reflexos de segurança, não se encontra convenientemente adestrado na condução do potencial-máquina, não está disciplinado, não a domina, não a conhece como aquele, verdadeiramente.

Além disso, parece haver uma certa negligência no que diz respeito aos prin-

cípios de segurança. Os homens do campo ou porque não são suficientemente esclarecidos e avisados dos riscos que correm, ou ainda, por serem providos de imprudência, enfrentam os perigos, confiados em demasia, e parece que já criaram o hábito ao perigo! E então, podem ser vistos com frequência, ocupados na luta contra os inimigos das culturas, utilizando produtos, caracterizados por certa toxicidade, sem as devidas protecções. Daqui resultam as inevitáveis intoxicações, asfixias, queimaduras. Existem outros acidentes motivados pelos animais. Devido a reacções inesperadas do lado irracional e à imperícia do pessoal, que o comanda, surgem por vezes, desastres graves.

Há numerosos acidentes resultantes de quedas, sendo talvez os mais frequentes. São devidos especialmente, a instalações defeituosas, edifícios mal construídos, escadas em mau estado ou mal colocadas, solo mal batido, caminhos perigosos, etc..

Nas adegas, e principalmente, durante o fabrico do vinho, surgem revezes, quase todos os anos, que deixam marcas indeléveis no pessoal atingido. São frequentes as quedas provocadas por escorregadelas, esmagamento das mãos ou dos pés nos esmagadores, prensas e bombas. Tais são os perigos a que os homens imprudentes estão sujeitos. Todos os anos se registam também, desastres motivados por negligência do pessoal, conduzindo à perda lamentável de vidas: a queda nos depósitos em plena fermentação, provocando quase sempre, a morte por asfixia, resultante do gás carbónico libertado.

O emprego de explosivos destinados à extracção de pedra, e a sua remoção conduzem também a vários acidentes.

Os incêndios, que se declaram anualmente nos centros agrícolas, nas eiras, nas matas, nas florestas, podem ser atribuídos, de uma maneira geral, aos descuidos do pessoal. Originam como se sabe, avultados prejuízos, que muitas vezes, conduzem à miséria e à ruína.

Apontamos as causas principais dos acidentes mais vulgares em agricultura. Há que os prevenir, de modo a eliminá-los radicalmente, ou pelo menos, reduzi-los de uma maneira substancial.

Todo o material a utilizar deve estar munido de dispositivos de protecção, de modo que o condutor não corra riscos. Uma vez verificada qualquer irregularidade no funcionamento da máquina, deve ser resolvida prontamente. Impõe-se a substituição rápida das peças, já gastas ou fendidas.

Os trabalhadores ocupados nos tratamentos contra as pragas, que infestam os campos, devem estar protegidos convenientemente, com luvas, lunetas, máscaras, conforme a natureza do produto a usar. Idênticas precauções se devem tomar na lavagem dos recipientes, quando



Maneira incorreta de descer uma escada

se empregam produtos perigosos, como por exemplo, ácido sulfúrico.

Os animais devem ser tratados com cuidado, principalmente, os mais bravios e os reprodutores, utilizando todos os meios de segurança, por não se saber ao certo, qual a sua reacção.

O agricultor tem de compreender, que merece a pena cuidar do material, dispensando-lhe toda a assistência. Os benefícios que se colhem são palpáveis, pois,

a máquina dura mais, e os acidentes podem ser evitados, ou muito reduzidos.

Os incêndios declaram-se frequentemente, nas explorações agrícolas, porque aí existem substâncias dotadas de elevadas propriedades combustíveis: palhas, forragens, madeiras e outros produtos, facilmente inflamáveis. Nos locais, onde se erguem as medas, proíbe-se de fumar, e de acender fogueiras nas proximidades. Convém, que estejam isoladas por caminhos, ou sebes, e que haja perto água armazenada. Os tractores devem estar apetrechados com guarda-fogos.

Nas florestas, como medidas de segurança, impõe-se a formação de clareiras, espaçadas de 20 a 40 metros, por exemplo, e o revestimento vegetal do terreno.



Uma escada mal colocada

É da máxima utilidade a existência de água armazenada, em quantidade suficiente.

Os centros agrícolas encontram-se geralmente afastados dos meios necessários para debelar qualquer mal que surja. Portanto, impõe-se, a existência de alguns medicamentos indispensáveis à prestação dos primeiros socorros, e água necessária para dominar rapidamente, qualquer incêndio que se declare.

O aprovisionamento artificial das abelhas

(Conclusão da pág. n.º 375)

da estação e um ulterior consumo mais elevado das reservas hibernais.

O intervalo entre o início e o fim da manobra ou seja a respectiva duração é, pois, em todos os casos, assaz curto, justamente ao contrário do aconselhável para o outro tipo de alimentação artificial — a estimulante, lenta ou prolongada.

Finalmente, parece-nos útil sistematizar, dum modo especial, as razões aduzidas no sentido de que a alimentação outonal de aprovisionamento tem de fazer-se enquanto as abelhas ainda estão em plena actividade e, portanto, rapidamente e no momento adequado; desta forma se poderão reter melhor as suas ideias mestras, que são, essencialmente, as seguintes:

a) — tratando-se de xarope de açúcar ou de melittosio, que ele possa ser transformado por completo (Zappi-Recordati) ou pelo menos que o líquido adquira uma certa concentração (Malagola) e seja depois colocado nos favos.

b) — tratando-se de mel, que não se carregue de humidade, devido à sua higroscopicidade, alterando-se nas células descobertas (Malagola) e ocasionando diarreia às abelhas (Langstroth).

c) — que a procriação seja restringida à medida que os alvéolos úteis vão sendo cheios com as provisões fornecidas (Schofield).

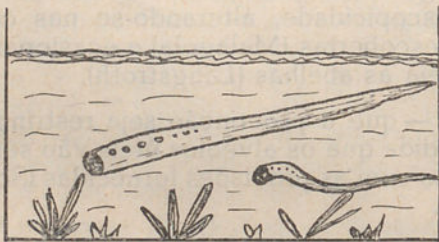
d) — que a colónia fique tranquila o mais depressa possível, não querendo provocar nela deposições extemporâneas de ovos, nem um subsequente aumento do consumo das reservas (Malagola).

e) — que a operculação se efectue antes que o tempo frio e a indolência das abelhas tornem a operação impossível (Lemaire, Beldame), ficando daí em diante os favos a descoberto (Malagola), com as consequências inerentes à eventual alteração do respectivo conteúdo, particularmente sensível no caso de tratar-se de mel, como acabamos de referir.

Secção Feminina

A Lampreia

Os nossos rios são férteis em boas lampreias e por isso nunca é demais repetir como deve ser arranjada, visto que é até um petisco que poucas pessoas sabem preparar. Deve preferir-se sempre uma lampreia viva que se mata batendo-lhe fortemente com as costas de uma faca para lhe quebrar e tirar o cordão central, que substitui a espinha, que não têm. Duas ou três horas depois de mortas, já é muito difícil tirar o cordão central. Logo após a morte, mergulha-se rapidamente em água a ferver e raspa-se com uma faca, para lhe tirar



o limo que tem agarrado e põe-se numa travessa baixa; com o bico de uma faca abrem-se os orifícios que tem na cabeça, aproveitando-se todo o sangue que sair que se deita numa tijela com uma colher das de sopa de vinagre, ou meio decilitro de vinho tinto, mexendo para não coagular.

Abre-se então a lampreia, tiram-se as tripas e as ovas, se as tiver. Lava-se bem e parte-se aos bocados de 4 a 5 centímetros tendo o cuidado de ver se sai com a cabeça uma *espinha* que existe perto dos

sete buracos que antes se abriram para tirar o sangue.

Se essa espinha não tiver vindo agarrada, tem de procurar-se e arrancá-la. Põem-se os bocados numa tijela, deixando-os por uma hora com bastante sal fino.

No fim da hora lavam-se os bocados para tirar o sal, enxugando-se com um pano bem seco e põe-se numa caçarola até preparar o prato que se deseja.

Lampreia à bordalesa

Há várias maneiras de preparar lampreia à bordalesa. Esta receita que damos resulta muito boa. Depende, no entanto, do paladar de cada um.

Põem-se os bocados arranjados conforme acima indicamos num tacho com 30 gramas de manteiga em lume forte. Estando bem passados na manteiga, juntam-se duas colheres das de sopa de conhaque, e vinho tinto que acabe de os cobrir por completo. Deita-se uma folha de louro e dois ramos de salsa e um dente de alho, pondo-se tudo a ferver por 15 a 20 minutos, rectificando-se os temperos.

À parte cortam-se 6 alhos em bocados miúdos e fritam-se em 50 gramas de manteiga em lume fraco, mexendo com uma colher de pau até ficarem bem desfeitos, junta-se um decilitro de caldo de carne ou peixe, ou na falta destes, vinho branco, deixando reduzir o liquido e juntando então 10 gramas de farinha, encorporadas ao lume em 30 gramas de manteiga. Junta-se este molho aos bocados de lampreia, acrescentando algum vinho tinto se ficar seco e deixa-se ferver até ficar a lampreia bem cozida. Antes de servir, junta-se o

sangue da lampreia e algum sangue de frango se houver e deixa-se engrossar.

Avizinham-se as férias!

Com a chegada da Primavera começa a pensar-se nas Férias

O sol claro da Primavera, o céu mais azul e o ar mais puro, levam-nos instintivamente a pensar numa escapada para a praia ou para a aldeia. A melhor forma



de organizar umas boas férias é começar com tempo a procurar uma casa para alugar ou um hotel ou pensão onde reservar uns quartos. Uma boa organização permitirá, sem nervos e sem fadiga, estar pronta na altura precisa e deixar a casa em ordem para quando voltar.

Devem preparar-se umas listas que servirão para ajudar a memória e nada esquecer, no último momento.

Assim, deve fazer-se:

Uma lista dos trabalhos que ainda é preciso fazer (de costura, de tricot, de casa, etc.);

Uma lista das compras que devem fazer-se;

Uma lista das roupas e dos acessórios que devem levar-se para cada pessoa.

Deve estabelecer-se o melhor itinerário, se se vai em automóvel, ou estudar as melhores tarifas se se deve utilizar o comboio.

Antes de partir para férias é sempre conveniente visitar o dentista com as crianças, como medida de segurança. É também importante aproveitar a época de férias para renovar a colchoaria, que pode ficar no colchoeiro, estando pronta logo que se regresse. Segundo a qualidade e o uso, devem ser renovados os colchões de 2 em 2, de 4 em 4 ou de 6 em 6 anos. O tecido deve ser lavado ou

substituído. Um bom pano pode durar cerca de 20 anos.

Devem mandar-se lavar a seco os casacos de Inverno e vestidos de lã.

A casa

A casa deve ser toda espanada e arejada. Para isso deve começar-se com 15 dias de antecedência de modo a não perturbar o ambiente regular da vida doméstica. Para isso, deve começar-se pelo aposento que tem menos importância diária, ou seja, por aquele que é menos utilizado. Os móveis devem ser limpos um por um, esvaziados, as gavetas e prateleiras passadas com o aspirador e depois lavadas e enceradas.

As roupas que não se levam para férias devem ser fortemente escovadas, no interior dos bolsos, debaixo das golas, e devem meter-se nos bolsos umas bolas de naftalina.

Lavar e guardar os bibelots e pequenos quadros, espanar as paredes e lavar os rodapés, assim como vidros e mármore. Bater os tapetes e carpetes e enrolá-los. As poltronas e sofás devem ficar bem escovados, com naftalina nos cantos e cobertos com mantas.

As pratas devem ser limpas e envolvidas em papel de seda preto.

Os vidros devem ser lavados e o soalho bem encerado. Os candeeiros depois de lavados, devem ficar cobertos de celofane.

Não esquecer desinfetar e lavar a casa de banho, assim como descongelar o frigorífico e fazer-lhe limpeza geral.

Se tiver animais ou plantas devem deixar-se a guardar em casa de pessoa de família ou vizinhos.

Se a ausência for de mais de 15 dias, vale a pena dirigir-se aos Correios e dar o novo endereço, pedindo para lhe reexpedirem a correspondência.

Na véspera deve preparar-se uma refeição fria que será muito útil durante a



(Conclui na pág. 399)

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

I — AGRICULTURA

N.º 46 — Assinante n.º 25588 — Sobral da Adiça.

ADUBAÇÃO DE TERRENOS. INSTALAÇÃO DE PRADO. CULTURA DO ALPISTE

PERGUNTA—1.º Tenho um terreno arenoso (pH 4-4,5) que desejo semear de aveia (já tive nesta terra 17 sementes deste cereal, há muitos anos), mas preciso de adubá-lo. Será melhor a Cianamida Cálcica em fundo ou uma cobertura em Janeiro sem adubação de fundo?

2.º O amónio acidifica as terras, mas em terras de argila também dá o mesmo efeito? Qual acidifica mais: o sulfato de amónio ou o sulfonitrato de amónio? Não se deixam arrastar pelas águas?

3.º Tenho um quintal onde existem algumas flores que, por vezes, aparecem roídas pelos diversos destruidores que lá existem. O Superdrine dará bom resultado?

4.º Em terra arenosa que prado devo semear para vacas e ovelhas? Qual a adubação a fazer?

5.º Gostava de saber pormenores sobre a cultura de alpista. Se gosta de terra forte, húmida ou seca, época de sementeira, densidade, etc.

6.º Porque será que os animais preferem as melhores ervas espontâneas às vicias?

RESPOSTA—1.º Nada diz o senhor consulente do lugar de rotação da aveia no afolhamento que segue na sua exploração. Não sei se a aveia vai aproveitar restos da adubação duma cultura anterior, rica ou pobre. Sobre a fertilidade do terreno tudo se ignora. Poderá aplicar, como adubação de fundo, por Ha, Fosfato Tomás — 200 kg; Cianamida Cálcica 100 kg; aplicar estes adubos na gradagem, e aguardando uns dias para a sementeira. Em cobertura, se necessário, pode distribuir 50 kg de nitrato de sódio. Também pode aplicar outra adubação: superfosfato de cálcio a 18% e um nitroamoniaco, nos quantitativos anteriores, e o nitrato de sódio, como se diz.

2.º Não é o amónio que acidifica o solo; esse fenómeno de acidificação dá-se, por exemplo, com o sulfato de amónio, pela libertação do seu radical ácido. Os terrenos bem providos de matéria orgânica defendem-se bem da acção dos adubos de reacção fisiológica ácida.

Os terrenos argilosos melhor que os arenosos.

Hoje, a lavagem dos compostos nitro-

genados não se considera importante. Por maioria de razões, o que diz respeito aos compostos amoniacais e nitramoniacais.

3.º O Superdrine é um superfosfato com aldrina. Tem uma acção específica sobre os parasitas que se encontram na terra.

Se é desta que parte o ataque, dá resultado a sua aplicação.

4.º Poderá empregar as seguintes misturas: Dactilo 9 kg; Ray-grass (*Lolium perenne*) 6 kg; Ray-grass (*Lolium italicum*) 4 kg; Trevo branco ladino 2 kg; Trevo encarnado 4 kg; ou: Ray-grass (*Lolium italicum*) 13 kg; Trevo violeta 13 kg; ou Dactilo 5 kg; Rabo de gato 4 kg; Erva carneiro 4 kg; Trevo branco 4 kg; Lupulina 3 kg. Com o terreno devidamente estrumado, adubar com: Sulfato de amónio 200 kg; Superfosfato de 18 0/0 300 kg; Cloreto de potássio 100 kg. Tudo por Ha.

5.º O alpiste aprecia solos ricos, sobre o fresco não muito apertados. Geralmente, semeia-se na Primavera, a lanço ou em linhas distanciadas de 30 cm. Afilha bastante, daí a conveniência da sementeira não ser muito densa. Gastam-se à volta de 25 kg de semente por Ha a lanço e 14 kg em linhas. Se o terreno não estiver bem fertilizado por cultura anterior pode aplicar, por Ha, 200 kg dum nitroamoniaco e 250 de superfosfato a 18 0/0. Sachar e regar quando necessário. Efectuar a colheita antes da maturação perfeita das sementes, que são cobichadas pelos pássaros e caem com facilidade.

6.º Ignoro. — *M. Ramos.*

*

N.º 47 — Assinante n.º 45 180 — Porto.

CULTURA DA CEVADA DÍSTICA

PERGUNTA — Agradeço o favor de me esclarecer sobre a cultura da cevada dística, bem como os mercados deste cereal.

RESPOSTA — A cevada dística assumiu entre nós, há alguns anos já, certa importância. É matéria-prima de valor para a cervejaria, exigindo-se que possua determinadas características, para que o malte derivado atinja a necessária categoria. Não deve o grão da cevada apre-

VINHOS - AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azetes, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

sentar um valor proteico superior a 11 0/0, sendo vantajoso um quantitativo alto de amido. Existe uma tabela oficial para valorização da cevada destinada a malte, em função de certas características, entre as quais está incluída a proteína. É muito importante a qualidade da semente. Para a sua aquisição, deverá dirigir-se à Estação de Melhoramentos de Plantas, de Elvas. A cultura faz-se como a dos cereais afins. Deve-se limitar a fertilização azotada.

Poderá aplicar por ha, 400 kg de superfosfato a 18 0/0, 100 kg dum nitroamoniaco, e 80 kg de cloreto de potássio. — *M. Ramos.*

II — FRUTICULTURA

N.º 48 — Assinante n.º 45 254 — Coimbra.

POMAR DE MACIEIRAS. ESCOLHA DE VARIEDADES

PERGUNTA — Estou presentemente a instalar um grande pomar de macieiras, dispondo das seguintes variedades: Golden Delicious, Starking, Stayman Winesap, Rome Beauty, Reineta do Canadá, Casa Nova de Alcobaca, Reineta de Vignat e Jonathan.

Posso consociá-las arbitrariamente na mesma propriedade, ou dividi-las em dois lotes por conveniência de polinização ou outras?

Como, na verdade, não tenho conhecimentos especificados sobre o assunto, se algum conselho importante houverem de me fazer, muito agradeço o favor de mo prestarem urgentemente.

RESPOSTA — Não convém fazer um pomar com um tão grande número de variedades. Um pomar deverá ter duas no máximo três variedades, também, por causa da polinização nunca se deverá fazer apenas com uma variedade.

Hoje procura-se tornar o pomar o mais facilmente cultivável e para tal, em vez de se misturarem as variedades constituem-se blocos cada um formado por uma variedade apenas.

Assim deverá plantar separadamente cada uma das variedades, constituído com cada uma seu bloco, tendo o cuidado de intercalar os blocos de variedades boas polinizadoras — Golden Delicious, Star-king, Rome Beauty, Casa Nova da Alco-baça e Jonathan, entre os das más polini- zadoras: — Stayman Winesap, Reineta do Canadá, Reineta de Vignat. — *Madeira Lobo*.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 49 — Assinante n.º 43 405 — *Alandroal*.

ACÇÃO DO FRIO SOBRE AS LARANJEIRAS

PERGUNTA — Envio umas folhas de laran- jeira doente que possuo num pomar. Peço a fineza de indicar-me o tratamento a fazer à árvore.

Eu tenho-lhe aplicado o fungicida Cupravit Bayer e E 605 forte, nas doses indicadas nas emba- lagens.

RESPOSTA — A sintomatologia que a amostra enviada revelou ao nosso exame não é devida a qualquer doença, mas sim à acção do frio.

As pontuações castanhas observadas à superfície do limbo correspondem ao dilaceramento celular provocados pelas baixas temperaturas que se têm feito sentir.

A aplicação de fungicidas cupricos em pulverização repetida a fim de evitar futuras infiltrações de mildio, na época que decorre, é norma a seguir. — *Benevi- des de Melo*.

XV — APICULTURA

N.º 50 — Assinante n.º 43 640 — *Terceira— Açores*.

DIREITO A TER COLMEIAS EM PROPRIE- DADE RÚSTICA; MEIO DE EVITAR O ATAQUE DAS ABELHAS AO GADO QUE PASTA NOS TERRENOS VIZINHOS

PERGUNTA — Há 18 anos que tenho num apiá- rio 20 colmeias. A 30 metros de distância existe uma propriedade onde às vezes metem gado.

Ultimamente as abelhas deram em atacar o referido gado.

Desejava saber quais os meus deveres a cum- prir para com o meu vizinho e se além de pagar os prejuizos ainda serei obrigado a retirar as col- meias.

RESPOSTA — Segundo a lei n.º 2012, de 22 de Maio de 1946, qualquer proprie- tário ou arrendatário pode explorar col- meias em prédios rústicos desde que o apiário se situe, pelo menos, a dez metros de distância da via pública ou das extre- mas dos vizinhos.

Ora, como o senhor consulente diz ter as suas colmeias instaladas a 30 metros de distância da propriedade onde, às vezes, metem gado, encontra-se, portanto, ao abrigo da lei.

Todavia, é imperioso evitar aborreci- mentos com o vizinho, sempre desagrá- dáveis; aconselho-o, por isso, a tomar as seguintes providências:

a) — Nunca abrir as colmeias nos dias em que o gado se encontre a pastar nas circunvizinhanças.

b) — Instalar um bebedouro perma- nente em local acessível às abelhas, não muito próximo nem muito afastado das colmeias, onde deitará uma mistura feita nas proporções seguintes:

Água	10 litros
Ureia	1 grama
Mel	100 gramas

Não convém aumentar as doses indi- cadas para se não produzir grande exci- tação entre as abelhas; o mel figura na receita apenas para atrair os insectos.

Esta bebida pode ser administrada por intermédio dum barril com a torneira mal fechada, de modo que o líquido se con- serve a pingar para cima dum lage ou dum trabuleiro com seixos, que se coloca por baixo e onde as abelhas irão beber sem se afogarem.

Como é óbvio, o senhor consulente deverá ir vigiando periódicamente o gasto do líquido, a fim de evitar que ele chegue a acabar no barril.

Tenho fortes razões para supor que as abelhas vão procurar no gado o azoto de que carecem e, portanto, se este elemento lhe for proporcionado através da água de bebida, elas deixarão, no futuro, de impor- tunar os animais. — *Vasco C. Paixão*.



INFORMAÇÕES

Campanha de Construção de Silos e Nitreiras

Silos

De harmonia com o Decreto-Lei n.º 32 272, de 19 de Setembro de 1942, que estabelece os subsídios para a construção de silos e para cumprimento dos n.ºs 1 e 4 da Portaria n.º 10 233, de 14 de Outubro de 1942, que regula a sua concessão, foi, por despacho de 22 de Março findo, determinado o seguinte:

1. Que se torne extensiva, no ano de 1963, a concessão de subsídios para a construção de silos a todos os concelhos do continente e ilhas adjacentes.

A floresta na economia da lavoura

(Conclusão da pág. 385)

mais os cortes, mas sem os atrasar até ao ponto das árvores começarem a ser atacadas por fungos e alvo da podridão.

Florestando-se todo o terreno sem aptidão agrícola, pertença do domínio privado, se os povoamentos forem convenientemente tratados e os cortes forem realizados nas devidas oportunidades, marcadas pelos termos das explorabilidades respectivas, a floresta será um grande auxiliar da lavoura e uma fonte segura de riqueza para o País.

A bem de todos, e no interesse próprio, todo o proprietário, por si ou com a ajuda do Estado, deve povoar com espécies florestais os seus terrenos, que não se prestem economicamente para outras culturas. Mas deve também tratar as suas madeiras como um capital, que tem de render juros, e que não deve ser, por atentório do seu património, indevidamente movimentado ou empastado.

2. Que os subsídios, relativos a silos colunares, sejam concedidos de harmonia com a seguinte tabela:

Capacidade útil dos silos — Metros cúbicos	Silos com cobertura fixa	Silos com cobertura móvel
6	740\$00	650\$00
7	820\$00	700\$00
8	900\$00	750\$00
9	980\$00	800\$00
10	1 060\$00	850\$00
11	1 140\$00	900\$00
12	1 220\$00	950\$00
13	1 300\$00	1 000\$00
14	1 380\$00	1 050\$00
15	1 460\$00	1 100\$00
16	1 540\$00	1 150\$00
17	1 620\$00	1 200\$00
18	1 700\$00	1 250\$00
19	1 780\$00	1 300\$00
20	1 860\$00	1 350\$00

3. Que o valor dos subsídios a conceder para a construção de silos-trincheiras, com paredes revestidas de alvenaria ou betão armado, se mantenha, como nos anos anteriores, em 15\$00 por metro cúbico de capacidade útil, limitando-se a capacidade subsidiável a 200 m³, mesmo que se justifique tecnicamente a construção de silos com capacidade superior.

4. Que se mantenha o aumento de 30 por cento nos valores dos subsídios a conceder nos distritos autónomos de Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Horta e Funchal, estabelecido pelos despachos ministeriais de 29 de Maio de 1958 e 28 de Março de 1961.

Nitreiras

Por despacho da mesma data e de harmonia com o Decreto-Lei n.º 39 138, de 18 de Março de 1953, que estabelece os subsídios para a construção de nitreiras, e para cumprimento dos n.ºs 1 e 3 da Portaria n.º 14 401, de 25 de Maio de 1953, que regula a sua concessão, foi também determinado o seguinte:

1. Que se torne extensiva, no ano de 1963, a concessão de subsídios para a construção de nitreiras descobertas a todos os concelhos do continente e ilhas adjacentes.

2. Que seja subsidiada a construção de nitreiras cobertas em todos os concelhos dos arquipélagos dos Açores e da Madeira e que no continente se limite essa concessão aos concelhos abrangidos pelas áreas da I, II, III, IV, V, VI, VII, XV e XVIII regiões agrícolas.

3. Que os subsídios a conceder sejam calculados por escalões, de acordo com a seguinte tabela:

Área útil de plataforma impermeabilizada — Metros quadrados	Nitreiras descobertas — Por metro quadrado	Nitreiras cobertas — Por metro quadrado
De 15 a 50 . .	30\$00	75\$00
De 51 a 100 . .	20\$00	—
De 101 a 200 . .	10\$00	—
De 201 a 300 . .	4\$00	—

sendo o subsídio máximo a conceder equivalente à área de 50 m² de plataforma útil para nitreiras cobertas e a área de 300 m² para nitreiras descobertas, mesmo que se justifique tecnicamente a construção de nitreiras com áreas superiores.

4. Que se mantenha o aumento de 30 por cento nos valores dos subsídios a conceder nos distritos autónomos de Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Horta e Funchal estabelecido pelos despachos ministeriais de 29 de Maio de 1958 e 28 de Março de 1961.

Protecção dos arvoredos

Para os devidos efeitos se declara que, por despacho ministerial de 5 de Abril de 1963, foi determinado que se estabeleça no corrente ano, para efeitos de aplicação de multas, a seguinte tabela dos valores da cortiça, por arroba, em harmonia com o disposto no artigo 5.º do Decreto n.º 27 776, de 24 de Junho de 1937, e demais legislação proleccionista do sobreiro:

Cortiça virgem	22\$00
Cortiça amadia e secundeira com idade legal	55\$00
Cortiça amadia e secundeira sem idade legal	80\$00

Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um ano de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.

Coelhos "Gigante Espanhol" pardo, com 2 meses, vende-se a 20\$00 o quilo. Monteiro Serra — Rua Pedro Álvares Cabral, 1 — Rio Tinto.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

Fornevido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

1.ª década (1-10) de Maio de 1963

Influência do tempo nas culturas

O estado do tempo durante esta década, pouco chuvoso, favoreceu o desenvolvimento das culturas que têm, em geral, bom aspecto vegetativo.

Os trabalhos agrícolas da época (plantações, mondas, cavas, desinfecções, etc.) prosseguiram em bom ritmo.

Assinalou-se o aparecimento de algumas doenças criptogâmicas e pragas, como o escaravelho da batateira.

SECÇÃO FEMININA

(Conclusão da pág. 393)

viagem ou mesmo no destino, pois nem sempre há tempo de preparar uma refeição, uma vez que todo o tempo é pouco para tratar da instalação.

É sempre conveniente deixar a água, o gás ou a luz, desligados no quadro. Pode haver uma ruptura de cano ou um esquecimento de uma torneira aberta ou um interruptor aceso.

E depois, fechar convenientemente a porta de entrada, e partir esquecendo todas as preocupações, os problemas diários, levando o espírito tranquilo.

Só assim poderá obter o melhor resultado das suas férias.

A. C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hlopcampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afidios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

Defeitos e Doenças dos Vinhos

POR
HENRIQUE COELHO

2.^a edição

CAPITULOS:

*Vinho são e vinho doente ou defeituoso * Exame e apreciação do vinho * Laboratório e botica do adegueiro * Defeitos dos vinhos * Diferenciação entre as casses fêrrica, fosfôfêrrica e oxidásica * Doenças dos vinhos*

267 páginas, com mais de 60 gravuras, 23\$00 incluindo porte do correio. A' cobrança, 25\$50

Pedidos à Gazeta das Aldeias

Motores CLINTON

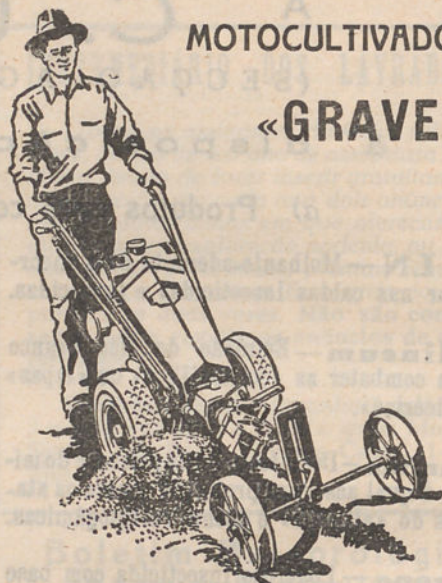
Acessórios de origem
ENTREGA IMEDIATA

Martins de Carvalho
Rua da Madalena, 138 — LISBOA — Telef. 869228

3037

MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»



Um só motocultivador * 30 alfaias agrícolas

Lavra — Sacha — Grada — Semeia — Transporta — Cava e descava vinhas — Pulveriza vinhas, batatais e árvores — Serra — Rega — Ceifa — etc., etc.

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaias que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —
Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

95886

A Competente

UM NOME QUE DIZ TUDO

Para transacções de propriedades e empréstimos s/ automóveis

Rua de Ceuta, 11-1.º D.to — Telefones: 35026 - 35925 - 29011 — PORTO

8084



Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Dedetoxil, Lin-Toxil (em pó e em líquido), **Lintal** e **B H C Irpal** (à base de DDT-Lindane-DDT e Lindane-Isómero Gama, respectivamente) — Contra o Escaravelho da Batateira, Insectos da Vinha, Insectos das Hortas e Pomares, etc.

Clor-Pal (à base de Clordane) — Contra a Formiga Argentina, parasitas das Hortas e Pomares, parasitas dos Animais e das Habitações.

Cobre Irpal e **Cuprion** — Contra o Míldio e outras doenças criptogâmicas das Vinhas, Batatais, etc.

Enxofre Molhável Irpal — Contra o Oídio e Acarioses das Vinhas, Oídio das Plantas Hortícolas e Ornamentais e Oídio e Pedrado dos Pomares.

Cuprifer — Desinfectante de sementes a seco e excitador da germinação.

E. B. 25 (emulsão base) — Contra Moscas, Mosquitos, Traças, etc.

X L 55 Irpal — Contra Carraças e Ronha das ovelhas, etc.

Lin-Tal-Clor (à base de DDT, Lindane e Clordane) — Contra todos os Insectos das Habitações.

Afitox — No combate aos Afídeos (Piolho das Plantas), Melas, etc.

Larvan — Na luta anti-sezonática e no combate ao Chirónemo (Lagarta da raiz do arroz).

Acridion — Para desinfectação dos Celeiros, Estábulos, etc.

Acridion de Inverno (emulsão de óleo antracénico) — Tratamentos de Inverno de Pomares, Vinhas, etc.

Olidion de Verão e **Olidion de Inverno** — Contra Cochonilhas, Fumaginas, Icéria, etc.

Ervatox (Erbicida), **Abonor** (Estercolizador), **Cresilion** (Desinfectante de uso geral), **Cuproxil** e **Carbolínio** (Conservadores de madeiras), **A-Mur** (Raticida bio-químico), etc.

IRPAL É MARCA DE QUALIDADE

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Snr. LAVRADOR...o seu melhor AMIGO é um...

MOTOR



Empregados em Portugal há mais de 25 anos, os motores Briggs & Stratton são os preferidos em todo o mundo para trabalhos agrícolas e industriais.

APOIADOS POR UM SERVIÇO COMPLETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

MÓDERNOS—RESISTENTES—ECONÓMICOS

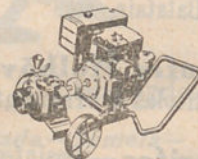
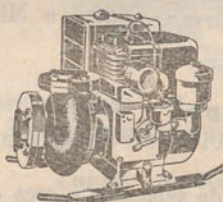
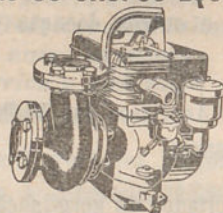
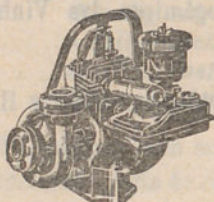
POTÊNCIAS: DE 1 A 9 H.P.

QUE O AJUDA A TIRAR O MÁXIMO RENDIMENTO DA TERRA.

TODOS OS MOTORES BRIGGS & STRATTON PODEM FUNCIONAR A PETRÓLEO OU A TRACTOL

UTILIZE NAS SUAS REGAS OS GRUPOS EQUIPADOS COM MOTORES BRIGGS & STRATTON

HAVAS



GRUPO 1 1/2" — MOTOR 2 HP
Esc. 1.950\$00

GRUPO 2" — MOTOR 2 1/2 HP
Esc. 2.100\$00

GRUPO 2 1/2" — MOTOR 4 1/2 HP
Esc. 3.950\$00

DIVERSOS MODELOS MONTADOS EM CARRO

QUEIRA CONSULTAR A



Electrónica L.da

RUA DE SANTO ANTÓNIO, 71
TELEFONE: 25800 — PORTO

3993

São-lhe úteis nesta época os seguintes livros:

Cultura do milho

1 volume de 74 páginas, com 22 gravuras 9\$50

As máquinas na cultura do milho

1 volume de 126 páginas, com 61 gravuras 14\$00

Inimigos do milho

1 volume de 72 páginas, com 25 gravuras 7\$80

O Arroz

1 volume de 320 páginas, com numerosas gravuras. 32\$50

O Girassol — Sua cultura e usos

1 volume de 44 páginas, com 5 gravuras 7\$80

A Soja

1 volume de 28 páginas, com 41 gravuras 14\$00

Nos preços indicados está incluído o porte de correio e registo.

Pedidos à «Gazeta das Aldeias»

Cruz, Sousa & Barbosa, L.da

R. S.^{to} António, 165 — PORTO — Tels. 27656 e 27657

PAPÉIS E MÁQUINAS GRÁFICAS

2457

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532



Sunda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165—PORTO
Telefone, 22908 1701



Mangueiras Plásticas para Regas

Mangueiras em borracha ou plástico para: pulverização, rega de jardins, vinhos, ácidos e canalização de água potável. — *Chupadores* de borracha ou em plástico. — *Telas* em plástico ou borracha.

Colchões e almofadas de borracha «ESPUMA» (o máximo de conforto e higiene). — *Botas* de borracha. — *Fatos e capas* impermeáveis. — *Borrachas e Plásticos* para todos os fins. *Pneus e Câmaras de Ar para Automóveis e Ciclismo* — **TRELLEBORG**

A Central da Borracha de Armindo Mendes

Travessa dos Clérigos, 1 a 5 — PORTO — Rua dos Caldeireiros, 141 a 145
Telefones: 27535 - 35953

5924



REP. EXCLUSIVOS:
A. F. GOUVEIA, LDA.



Av. Inf. Santo, 52/1.º
Tel. 675081/82
LISBOA-3
R. Santos Pousada, 644
Tel. 44573
PORTO

PROTEJA AS SUAS
VINHAS
USANDO O PRODUTO ORIGINAL **PROCIDA**

CARBANE'S

O FUNGICIDA DO FUTURO!
PODEROSO ANTI-HÍLDIO À BASE DE CARBATÉNE
E OXICLORETO DE COBRE
OUTROS PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

CUPROZINATE — Anti-míldio c/ zinebe + cobre
MICROLUX 95 — Enxofre molhável micronizado 3919
FOG — Enxofre ventilado
ORGANIL — Poderoso anti-pedrado
ZIRAMINE — Produto específico contra a LEPRO DO PESSEGUEIRO
TYTHON "50" — (À base de PARATIÃO) — contra as lagartas do
cacho, cochonilhas, afídeos, etc., etc., etc., etc.

PEDIDOS AOS AGENTES LOCAIS

Jóias-Pratas
Mármore-Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

3056

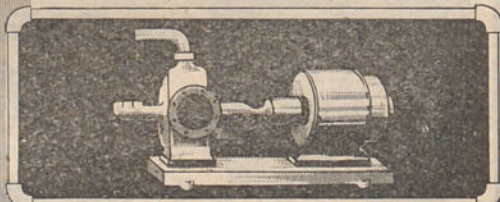
**Ourivesaria
ALIANÇA**

PORTO
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



REGAS... PARA **MAIORES
COLHEITAS...**



TUDO PARA REGAS

PINTO & CRUZ, L. DA

60 • R. ALEXANDRE BRAGA • 64 - PORTO
TELEFONES • 26001 (P. P. C.)

MOTORES • BOMBAS • TUBOS

2177



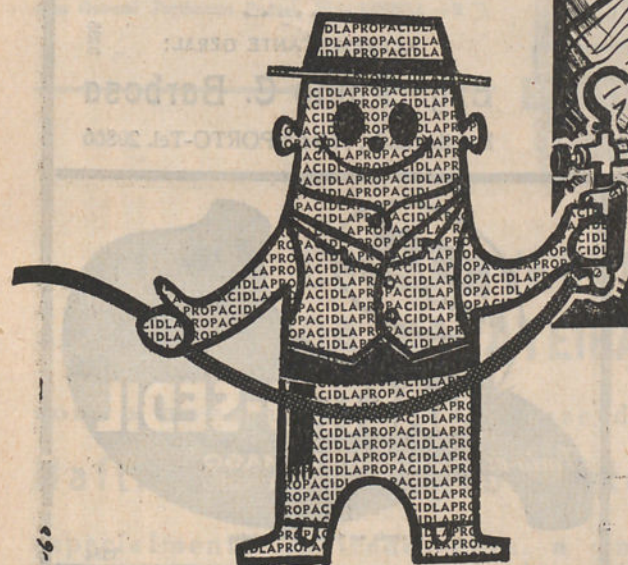
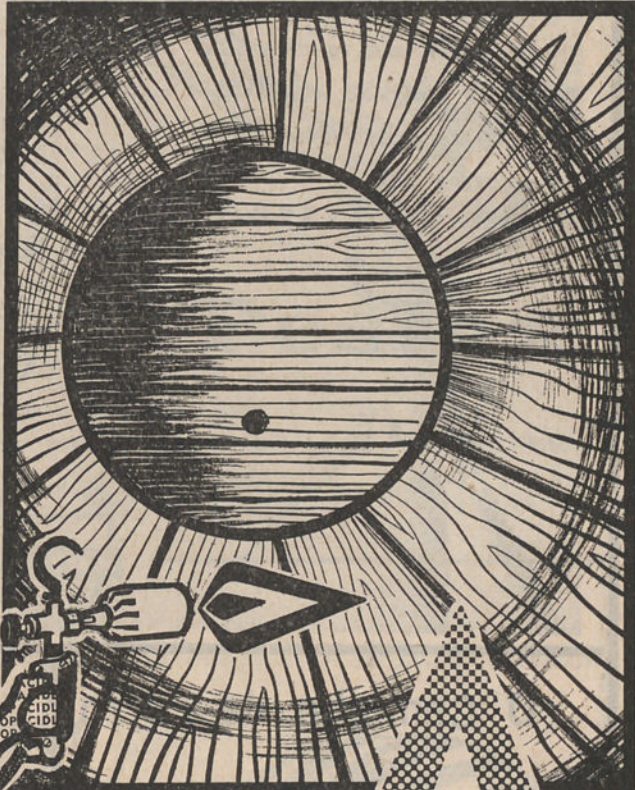
Wino

MASTIQUE
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME
Avenida Rodrigues de Freitas, 68 PORTO

8689

**para a extracção
do sarro
de vasilhame
e cubas de vinho**

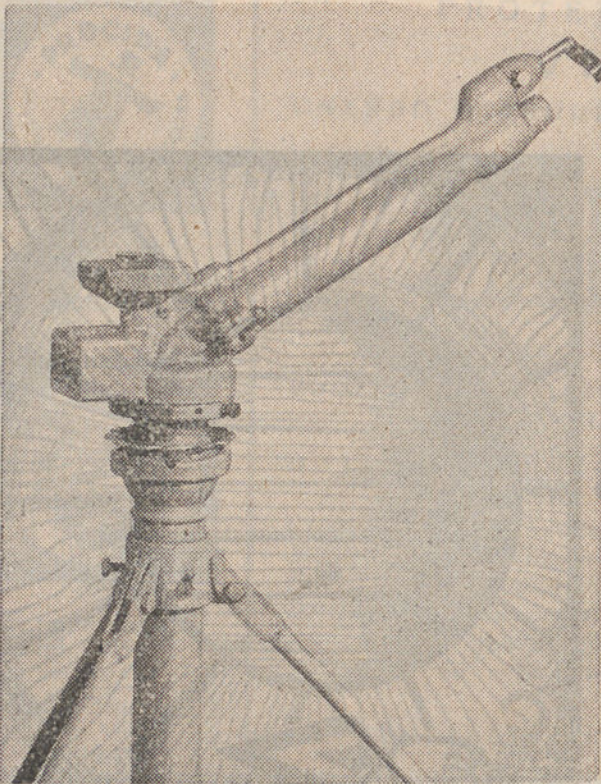


use

PROPACIDLA

O MELHOR GÁS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

GABRIEL FERRÃO - 63



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Pulverizadores pneumáticos,
tipo «V-1» — para grandes jactos
e grandes alcances, para campos,
prados, pomares, vinhas, etc.

Grupos moto-bombas centrífugas,
de todos os tipos e para
todos os fins.

Tubagens leves e acessórios
de ligação rápida.

Estudos e Orçamentos grátis

REPRESENTANTE GERAL:

9385

Eng.º Paulo C. Barbosa

P. Liberdade, 114-4.º-PORTO-Tel. 20866

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prático
e económico.

1598



ÊSTE
MEDICAMENTO

GASTRO-SEDIL

Trata as doenças do ESTÔMAGO
INTESTINOS E FÍGADO

À venda em todas as Farmácias

3384



Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FACEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. dos Corneiros - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149



Srs. Lavradores!

Defendam as suas vinhas do
míldio, pulgão e oídio
usando com resultados garantidos

COBRE · DDT · ENXOFRE

Pestax

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES,

Agro-Química Pestax, Lda.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

Insecticidas · Fungicidas · Herbicidas · Raticidas



COMBATA O **ESCARAVELHO
DA BATATEIRA**

com o novo insecticida à base de
Naftil-N-Metil Carbamato

especialmente indicado para a sua
exterminação total, mesmo dos tipos
resistentes que surgiram nas regiões onde a eficácia dos insecticidas
clorados (DDT, Lindane, Dieldane, etc.), é actualmente pouco activa.



«LEPTENE SUPER»

Pestax

3926

Importadores e Distribuidores:

AGRO-QUÍMICA PESTAX, LDA.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2



Senhores Lavradores

3922

Depois de um INVERNO RIGOROSO, só tem uma solução para defender as suas CULTURAS: recorra à **ADUBAÇÃO MODERNA** por meio de **PULVERIZAÇÕES** com

FERFOLI

que contem: 20% de Azoto; 20% de Ácido Fosfórico; 20% de Potassa, e os elementos mínimos de Boro; Zinco; Cobre; Enxofre; Magnésia; Ferro; Cobalto e Manganésio

500 ou 200 gramas para 100 litro de Água

Com **FERFOLI** poderá adubar as suas culturas de Vinha; Batata; Trigo; Centeio; Cevada; Aveia; Arroz; Feijão; Favas; Ervilhas; Tomates; Melões; Hortaliças; Árvores de Fruto; etc.

Adubando com **FERFOLI** todas as culturas acusam um aumento de produção que pode chegar até 50% mais do que o rendimento normal...

Em terrenos desfavoráveis, ou em períodos de seca, a adubação pelas folhas é a mais rápida e eficaz.

Estabelecimentos de Importação Ernesto F. d'Oliveira

LISBOA

S. A. R. L.

PORTO

R. dos Sapateiros, 115-1.º
Telefs. 322478 e 322484
Telegramas — LAVOURA

R. Mousinho da Silveira, 195-1.º
Telefone, 22081
Telegramas — NESTEIRA



O adubo de acção muito rápida

Os produtos da

UMUPRO

LYON—FRANÇA

3189



HELICIDE GRANULÉ—Produto efficacissimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ—Para combate aos ralos, à base de clordane;



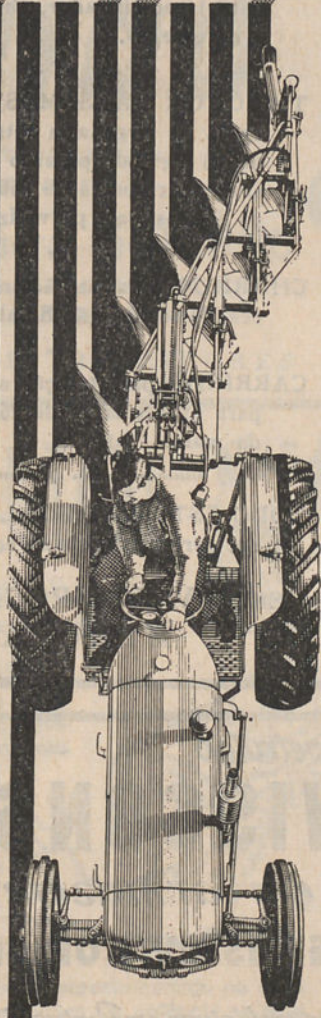
são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

Rua do Almada, 329-1.º—Telef. 23007—PORTO



QUALIDADE!
VALOR!
SERVIÇO!



**Provados
 com
 mais de**

3

milhões

**de tractores
 vendidos
 em todo o mundo**

FORDSON

**DEXTA · SUPER DEXTA 42
 SUPER MAJOR**



FORD LUSITANA RUA CASTILHO 149 LISBOA

peça uma demonstração

AO CONCESSIONÁRIO FORD NA SUA ÁREA

8930



**com qualquer tempo
e em qualquer terreno**



As 4 rodas motoras do motocultivador REX e a sua tomada de força, garantem-lhe a possibilidade de efectuar todos os seus transportes.

Isto de carta de condução, REX é um motocultivador robusto para todos os trabalhos de lavoura.

Gutbrod/MotoStandard

A maior organização na venda de motocultivadores de todos os tamanhos e potências.

EM ARMAZÉM TODAS AS PEÇAS NECESSÁRIAS PARA PODER GARANTIR UMA ASSISTÊNCIA PERFEITA

AGÊNCIA GERAL

Telefs.
20947
20948



PORTO

152, Rua de José Falcão, 156

3928

Para Vinhas ou Pomares

TRACTOR da marca UNIRAGE, Diesel de 12 CV, de rasto contínuo, com 80 cmts. de largura, completo, com levantamento hidráulico aos 3 pontos, para tracção de qualquer alfaia, com tomada de força, com bomba de 25 kgs. de pressão para pulverização, da marca Goldini e espaldar de 8 bicos com 3 depósitos em cobre para a capacidade de 250 litros. Tem frese (rotavator) escarificador, charrua de 3 ferros e abre regos.



TRACTOR RANSOMES de 8 C. V. de 90 cmts. de largura, a petróleo, com bomba de 25 kgs. de pressão e 3 depósitos em cobre para cerca de 250 litros e espaldar de 8 bicos, para pulverização.



CHARRUA para tracção animal de tipo francês, de construção Ribatejana.



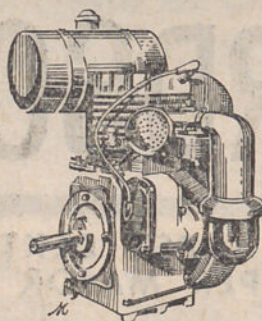
CARRINHO para tracção animal com bomba para pulverização de 25 kgs. de pressão, da marca Platz.

..... ◆

TUDO ESTE MATERIAL é usado mas está em perfeito estado de conservação.

VENDE: VASCO ROCHA CORREIA
MERCENA

3932



Motores a petróleo

"WISCONSIN"

sempre em armazém

PEÇAS DE RESERVA ORIGINAIS

Distribuidores exclusivos em Portugal

CASA CAPUCHO

LISBOA - PORTO

3896

Na Cultura do Milho

Para aumentar a sua colheita e
reduzir as despesas de grangeio
semeie sache e regue com

Gutbrod

*Peça prospectos, preços
ou demonstrações à*

Agência Geral GUTBROD

Rua de José Falcão, 152-156—PORTO
Telefones: 20947 e 20948

OU NOS DISTRIBUIDORES



TIPO
«TERRA»

3781

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL
e o seu desejo de coçar
passou. A comichão desapa-
rece como por encanto.
A irritação é
dominada, a
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
alvíos come-
çaram. Medi-
camento por
excelência
para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237—LISBOA

Senhor Lavrador

Se se encontra interessado na compra de:

Máquinas agrícolas, insecticidas,
fungicidas e produtos enológicos.

Aubos simples e compostos.

Sementes para horta, prado e jardim.

CONSULTE O:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

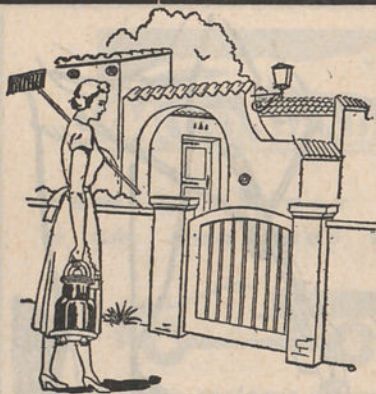
307—Rua Sta. Catarina—309

PORTO

Telef. 25865/6

Teleg. AGROS

2747



"VIBRO-VERTA"

A BOMBA SUBMERSÍVEL ELECTROMAGNÉTICA

PARA:

Usos caseiros - Pequenas regas - Lavagens a pressão

BARATA * CONSUMO INSIGNIFICANTE * PORTÁTIL

Não requer cuidados nem instalação especial

Liga-se a qualquer linha monofásica da iluminação

Demonstrações grátis

8877

REPRESENTANTE GERAL J. L. DUARTE DE ALMEIDA, SUC. RA
 PARA RUA DE S. MIGUEL, 61 — PORTO
 PORTUGAL E ULTRAMAR TELEF. 26515

OENOL

Sociedade de
 Portuguesa
 de Enologia
 LIMITADA

IMPORTADORES-
 -ARMAZENISTAS

DE

Produtos
 Enológicos
 Material
 de Adega

E

Material de
 Laboratório

L I S B O A
 Rua da Prata, 185, 2.º

TELEFONES:
 2.8011 - 2.8014

NO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO

não deixe
 a sua horta
 ao acaso;
 obtenha mais
 e melhores
 produtos
 adubando
 com



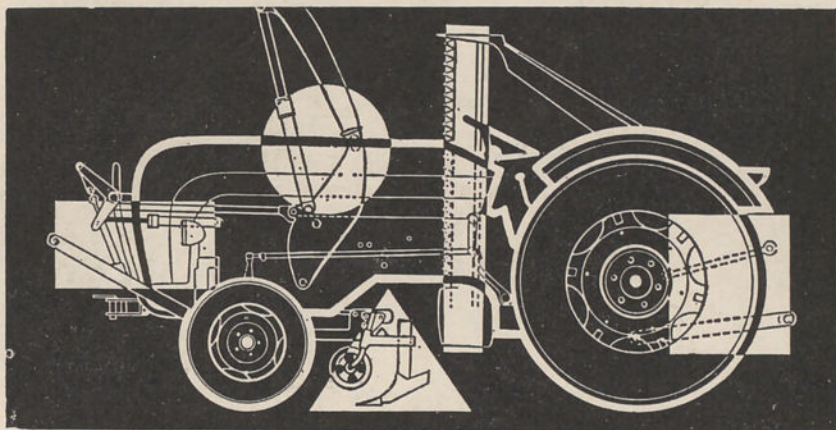
AP 11/A.1

SULFATO DE AMONIO

O adubo azotado que contém maior teor
 de ENXOFRE, um alimento nutritivo do mais
 alto interesse para as culturas hortícolas



3104



Standard Star Super 329 E
Standard J Master

15, 28, 33, 42 E 55 HP.



novo sistema hidráulico com regulação de profundidade e amplificação de aderência. Sistema central com cinco circuitos para levantador de 3 pontos frontal, pá carregadora, gadanheira, levantador trazeiro de 3 pontos e elevador entre eixos

blocagem do diferencial

cilindros independentes

embraiagem mecânica e hidráulica tipo Voith

arrefecimento por ar, patente Porsche, regulado por termostato, com aviso sonoro no caso de ser atingida a temperatura limite

COMPLETA GAMA DE ALFIAS

PORSCHE - DIESEL

J. J. GONÇALVES SUCESSORES

LISBOA — PORTO — ÉVORA — BRAGA — SANTAREM

AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

E AINDA

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE AS ERVAS DANINHAS



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989

3165